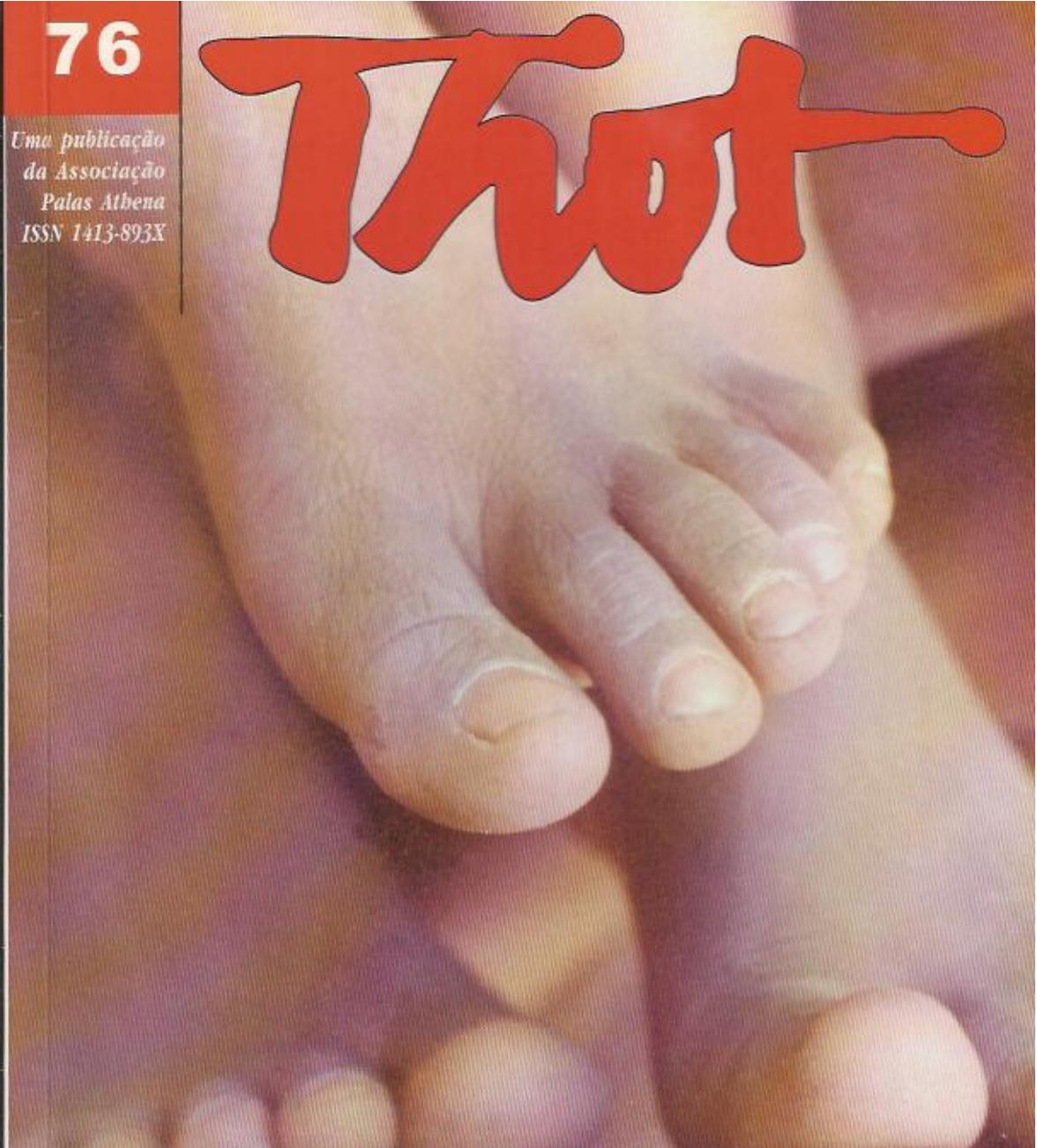


76

Uma publicação  
da Associação  
Palas Athena  
ISSN 1413-893X

# Thot



## DIÁLOGO

*Tudo mudou: e o nosso modo de pensar?*

Humberto Mariotti

*Violência e cidadania: um diálogo impossível*

Suzete Carvalho

*Educação para o pensar e para a cidadania*

Marcos Antonio Lorieri

# Índice

- 1 Editorial
- 4 Manifesto do Congresso Internacional  
Valores Universais e o Futuro da Sociedade
- 6 Diálogo: um método de reflexão conjunta e  
observação compartilhada da experiência  
*Humberto Mariotti*
- 23 O Grupo de Diálogo da Associação Palas  
Athena: Depoimentos de Participantes
- 31 Educação para o pensar e para a cidadania  
*Marcos Antônio Lorieri*
- 37 Violência e cidadania: um diálogo impossível  
*Suzete Carvalho*
- 43 Uma visão ampliada da saúde individual  
*Georg Tuppy*
- 46 Um novo apocalipse  
*Inês Antonia Lohbauer*
- 51 Cultivando um espaço interior  
*Maria Elvira Tuppy*
- 54 Das experiências culminantes rumo  
à felicidade  
*Andréa Aguiar*
- 59 O orgulho  
*Cid Marcus*
- 69 O lamento de Hipácia  
*Beto Hoisel*
- 72 A árvore do conhecimento  
*Humberto R. Maturana e Francisco J. Varela*



**THOT** é uma publicação  
da Associação Palas Athena  
do Brasil.

THOT nº 76 - outubro/2001  
tiragem: 3.000 exemplares  
ISSN 1413-893x  
R\$ 9,00

**Editores:** Basílio Pawłowicz,  
George Barcat, Humberto  
Mariotti, Lia Diskin, Primo  
Augusto Gerbelli, Ubiratan  
D'Ambrosio.

**Equipe THOT:** José Flávio  
Ratt, José Romão Trigo de  
Aguiar, Lúcia Benfatti  
Marques, Mara Novello  
Gerbelli, Nilton Almeida  
Silva, Paulina Berenstein.

**Colaboradores:** Cid  
Marcus Vasques, Daniela  
Moreau, Maria José Sesté  
Neves, Marly Montesano,  
Roberto Ziemer, Suzete  
Carvalho, Thereza  
Cavalcanti Vasques.

**Produção:** Ademair  
Assaoka, Emília Moufarrige,  
Lucia Brandão S. Moufarrige,  
Maria do Carmo de Oliveira,  
Maurício Zabetto,  
Sergio Marques, Therezinha  
Siqueira Campos.

**Impressão e distribuição:**  
Gráfica e Editora  
Palas Athena  
Rua Serra de Paracaina, 240  
Cambucí - 01522-020  
São Paulo - SP  
tel. (11) 3209.6288  
fax (11) 3277.8137

**Jornalista responsável:**  
José Carlos Filho.

As fotos publicadas nesta edição são de  
*Atílio Avancini*, fotógrafo, pesquisador e  
professor da Escola de Comunicações  
e Artes na Universidade de São Paulo.

Tema das fotos: Diálogo

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida a reprodução,  
citando a origem. Os números atrasados serão vendidos conforme a  
última tabela de preços publicada pela Editora Palas Athena. Periodici-  
dade: trimestral. Assinatura por quatro números deve ser pedida à Asso-  
ciação Palas Athena do Brasil, no endereço abaixo. A responsabilidade  
pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046. Registro no  
DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P 290/73.

**Associação Palas Athena do Brasil**

Rua Leônício de Carvalho, 99 - Paraíso  
04003-010 - São Paulo - SP  
Fone: (11) 3266.6188 Fax: (11) 287.8941  
[www.palasathena.org](http://www.palasathena.org)

---

# Editorial

## **Tudo Mudou: e o Nosso Modo de Pensar?**

O mundo mudou: não será o mesmo, depois do ataque terrorista a Nova York em 11 de setembro último. O que fazer, diante disso tudo? O que pensar, antes de fazer? E, principalmente, como pensar?

Eis o desafio. Como disse uma vez Albert Einstein, tudo mudou, mas o nosso modo básico de pensar continua o mesmo. E que modo é esse? É conhecidíssimo. De tão notório tornou-se óbvio, proverbial – acabou sendo aceito como inerente à condição humana, como algo natural, visceral, inevitável. Trata-se do modelo mental da separação, da exclusão, pelo qual estamos profundamente condicionados – o padrão Ou/Ou: *ou* isso *ou* aquilo; *ou* amigo *ou* inimigo; *ou* bem *ou* mal; *ou* eu *ou* o outro; *ou* você está comigo *ou* está contra mim. As demais possibilidades – a reflexão, o diálogo, a negociação, a criatividade, a descoberta de outros modos de convivência – ficam desde logo excluídas.

Claro está que esse formato não é o único. Em nosso dia-a-dia, porém, em geral comportamo-nos como se o fosse. Também está muito longe de ser novo – e talvez por isso mesmo prossiga sendo tão pouco contestado, tão pouco examinado. Quem sabe, pela mesma razão continue ao mesmo tempo tão conhecido e tão desconhecido. Esse padrão de pensamento faz com que nos sintamos separados do mundo, e portanto em muitos casos incapazes de compreendê-lo. Sua bipolaridade é um convite a radicalismos, maniqueísmos, dogmatismos. Ele cria, entre muitas outras coisas, uma alteridade excludente: *ou* eu *ou* ele; *ou* nós *ou* eles. Dessa

---

maneira, o outro, que deveria ser visto como um companheiro de convivência (um *alter*), é quase sempre considerado um estranho, um *alienus*.

A questão, tantas vezes formulada, é a de sempre: saber se é possível dialogar a partir desse condicionamento, que tanto estreita e obscurece o nosso horizonte mental. Dialogar não apenas no sentido de defender posições criadas pelo raciocínio Ou/Ou, mas também no de suspender, ao menos temporariamente, nossas teorias, idéias prévias, certezas, e conversar de outras formas, aprender coisas novas, produzir algo diferente.

Essa possibilidade existe. O grande desafio é praticá-la numa situação como a atual, em que nossos condicionamentos nos levam a imaginar que somos o bem e os outros o mal; que representamos a justiça e eles a injustiça; que somos os certos e eles os errados – dando-lhes com isso o direito de imaginar exatamente o mesmo em relação a nós.

Confinados às fronteiras do nosso eu, acostumamo-nos a ver o outro como um não-eu, isto é, a vê-lo negativamente. E pensamos: se ele é tudo o que não somos, por que deveríamos aceitá-lo? Como resultado, tornamo-nos incapazes de perceber o impasse em que essa situação nos coloca. Agarrados aos nossos maniqueísmos, fugimos da diferença, da diversidade, e aderimos à repetição, ao condicionamento. Diante de situações críticas, quase sempre nada criamos: repetimo-nos o tempo todo, e assim imaginamos que é possível resolver impasses pela criação de mais impasses. Ao fingir não saber que mais impasses geram mais impasses ainda, perpetuamos essa linearidade cega, que obstrui as interações humanas até os limites do absurdo.

**Transição** – Já se disse que a época atual (que alguns chamam de pós-modernidade ou modernidade tardia) se caracteriza pelo desejo de liberdade – o abandono das “certezas” do período anterior, a modernidade. Como alternativa, buscaram-se agora modos de lidar com a incerteza e a aleatoriedade, que se manifestam, entre outras coisas, pelas rápidas e constantes mudanças em virtualmente todos os âmbitos, inclusive a economia e a política. Trata-se, claro, de uma contraposição aos ideais da modernidade, que se caracterizou pelo controle, objetividade, mensuração e previsibilidade. Para Freud, a estabilidade dessa fase resultou da repressão aos instintos, e daí se originou a sensação de opressão coletiva, que ele chamou de mal-estar da civilização, e que hoje muitos chamam de mal-

---

estar da modernidade. Nos dias atuais, a liberação dessas mesmas energias instintuais resultou em uma sensação de ansiedade e insegurança, que o sociólogo Zygmunt Bauman chama de mal-estar da pós-modernidade.

Eis aqui mais uma das manifestações do modelo bipolar: *ou* modernidade, *ou* pós-modernidade, cada qual com seu conjunto de valores, práticas e conseqüências. O resultado é mais que óbvio: tanto o excesso de segurança quando o excesso de incertezas produziram e produzem mal-estar. De onde se conclui que no fundo essa infelicidade não deriva de uma situação nem da outra: ela se origina das conseqüências de nosso apego ao modelo Ou/Ou. Sua raiz é a manutenção da bipolaridade, não a troca em si.

Essa bipolaridade (que dificulta o diálogo, a complementaridade, a convivência) é que é a distorção fundamental. Em termos sociais, ela se manifesta na nossa dificuldade de reconhecer e aceitar o outro como *alter*, ou seja, vê-lo como diferente porém legítimo. A recíproca, claro, é verdadeira. Deduz-se daí que tanto o mal-estar da modernidade quanto o da pós-modernidade têm uma raiz comum – o mal-estar da alteridade.

**Valores** – Se tudo mudou, menos o nosso modo de pensar, não bastam boas intenções e exortações para lidar com esse mal-estar. Também são ineficazes as ameaças e a violência. É necessária uma ampla e profunda reforma do sistema de pensamento hoje predominante, o que não é, evidentemente, uma tarefa fácil.

Mas em todo o mundo, como se sabe, multiplicam-se atualmente os esforços nesse sentido. Ocorreu, por exemplo, em São Paulo, entre 17 e 19 de setembro de 2001, o Congresso Internacional *Valores Universais e o Futuro da Sociedade*. A conferência resultou de uma iniciativa da ISA (Associação Internacional de Sociologia), da Associação Palas Athena, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, do Serviço Social do Comércio (SESC-SP) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Diante das graves ocorrências de Nova York e Washington, com repercussões para o mundo inteiro e mencionadas no primeiro parágrafo deste editorial, as entidades que organizaram o congresso decidiram elaborar e divulgar um manifesto, cujo texto está na página seguinte.

*Os Editores*

---

## Manifesto do Congresso Internacional VALORES UNIVERSAIS E O FUTURO DA SOCIEDADE

No Congresso Internacional *Valores Universais e o Futuro da Sociedade*, planejado desde o início do ano 2000 e realizado em São Paulo de 17 a 19 de setembro de 2001, por iniciativa da Associação Internacional de Sociologia (ISA – Comitê de Pesquisas RCO7), da Associação Palas Athena, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), do Serviço Social do Comércio (SESC-SP) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO/Brasil), e diante dos graves fatos que atingiram recentemente os EUA, os que firmam o presente, vêm a público se manifestar.

Os mais de cem palestrantes, provenientes de cerca de vinte países, são uníssonos em reafirmar como princípios garantidores da dignidade humana o respeito às diferenças, sejam elas étnicas, culturais, políticas ou religiosas; a superação das situações de exclusão; a solidariedade entre os povos como forma de alcançar desenvolvimento e acolhimento das necessidades básicas do homem; e o diálogo, como instrumento de negociação em busca da tolerância e como promotor da paz.

Assim sendo, dando voz ao planeta inteiro aqui representado, expressam e repudiam, com veemência, o uso da violência, seja por atos de terror, ou qualquer outro meio, bem como a reparação ou retaliação decorrente de tais atos por forma idêntica.

Nesses momentos críticos, precisamos de reflexões iluminadoras, do apaziguamento dos corações e de todo nosso empenho pedagógico para pavimentarmos, num futuro imediato, uma cultura de paz que gere entendimento e apoio mútuo entre as nações. A cultura de paz apresenta-se hoje como a única via possível para instrumentar as novas gerações na resolução salutar de conflitos, na cooperação capaz de fecundar relações duradouras e benéficas entre as culturas e, ainda, na compreensão de estarmos em um meio ambiente com recursos finitos que exige uma atitude de sustentabilidade e proteção.

Reafirmamos a urgência do cultivo de princípios e valores universais norteadores de comportamentos e relacionamentos, que garantam o convívio pacífico dos homens entre si e com sua única morada – o planeta Terra. Reafirmamos, ainda, a esperança na capacidade da condição humana de exercer a solidariedade e a tolerância.

São Paulo, 19 de setembro de 2001



RCO7 da Associação Internacional de Sociologia (ISA)



Associação Palas Athena



Organização das Nações Unidas para a Educação,  
a Ciência e a Cultura (UNESCO/Brasil)



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)



Serviço Social do Comércio (SESC-SP)

Caro leitor, se você compartilha do conteúdo deste manifesto, assine-o acessando o site **[www.palasathena.org](http://www.palasathena.org)** ou na recepção da Associação Palas Athena – Rua Leôncio de Carvalho, 99 – Metrô Brigadeiro – São Paulo-SP – fone (11) 3266 6188.

**HUMBERTO  
MARIOTTI**

É médico  
psicoterapeuta,  
Coordenador do  
IECPS, Conferencista  
nacional e internacio-  
nal. Na Associação  
Palas Athena é co-  
fundador do Grupo de  
Diálogo e coordena-  
dor do Grupo de  
Estudos de Complexi-  
dade e Pensamento  
Sistêmico. E-mail:  
homariot@uol.com.br

## **DIÁLOGO: UM MÉTODO DE REFLEXÃO CONJUNTA E OBSERVAÇÃO COMPARTILHADA DA EXPERIÊNCIA**

**Apresentação** – O objetivo deste texto é proporcionar noções introdutórias sobre a técnica do diálogo. Parte dele consta do livro *Diálogo: A Competência do Conviver*, do autor, que está em fase final de redação e será publicado pela Editora Palas Athena. O propósito do material aqui apresentado é servir de guia inicial para as pessoas que já estão trabalhando em grupos de diálogo ou pretendam fazê-lo. É possível que os fundamentos do tema sejam inéditos para a maioria dos leitores. Por isso esta apresentação contém algumas repetições – que são intencionais –, cujo objetivo é eminentemente didático. Muito do que se lerá a seguir deriva da experiência do Grupo de Diálogo da Associação Palas Athena.

**Introdução** – O que atualmente vem sendo chamado de diálogo é uma metodologia de conversação que busca os seguintes resultados: a) melhoria da comunicação entre os interlocutores; b) observação compartilhada da experiência; c) produção de percepções e idéias novas. O diálogo amplia a percepção cooperativa do real. Sua marca fundamental é, pois, a fertilização mútua.

A proposta não inclui chegar a sínteses nem tomar decisões; estas são as finalidades da discussão e do debate. Na interação dialógica, o propósito é exercitar novos modos de ver e criar significados em conjunto. Por esse motivo, a denominação “diálogo” é até certo ponto inadequada. Em nossa cultura, aquilo que conhecemos com esse nome é uma interação verbal – a

discussão/debate – em que os participantes defendem posições, argumentam, negociam e, eventualmente, chegam a conclusões ou acordos.

A metodologia dialógica, como acabamos de ver, não busca nada disso. No entanto, o termo “diálogo” já está consagrado pelo uso. É necessário, pois, buscar formas de atenuar as confusões e equívocos derivados dessa inadequação. O ideal seria abandonar a palavra “diálogo” e substituí-la por outra, mas já sabemos que isso não é mais viável. Por essa razão, proponho que sempre que a utilizemos – no sentido em que é considerada neste texto – ela seja complementada pela explicação de que o diálogo é uma atividade cooperativa de reflexão e observação da experiência vivida.

**Definição** – Diante do exposto, proponho a seguinte definição: diálogo (reflexão conjunta e observação cooperativa da experiência) é uma metodologia de conversação que visa melhorar a comunicação entre as pessoas e a produção de idéias novas e significados compartilhados. Ou, posto de outra forma: é uma metodologia que permite que as pessoas pensem juntas e compartilhem os dados que surgem dessa interação sem procurar analisá-los ou julgá-los de imediato.

O método se opõe à fragmentação, ao imediatismo e à super-simplificação – três das características fundamentais do sistema de pensamento (ou modelo mental) que condiciona a nossa cultura. Esse condicionamento é milenar e se acentuou nos últimos três séculos. É como se estivesse gravado a ferro em brasa em nossa mente, de tal modo que na prática acabou se tornando o único meio pelo qual percebemos o mundo, interagimos com ele e tentamos entendê-lo. É por meio desse



---

padrão que a ciência e a tecnologia (e, por extensão, toda a nossa cultura) lidam com os fenômenos naturais e culturais e buscam compreendê-los e explicá-los. Isso significa que todos os nossos pressupostos, todas as nossas “certezas”, todas as nossas teorias a respeito do mundo, são formatadas por esse modo de pensar.

Os pressupostos básicos desse modelo sustentam que: a) a maneira mais adequada de examinar um objeto ou situação é fragmentá-los e estudar as partes em separado, para depois tentar reunir os resultados da investigação numa síntese; b) as causas são sempre imediatamente anteriores aos efeitos ou estão muito próximas deles; c) a seqüência causa-efeito ocorre sempre num mesmo contexto de espaço e tempo; d) o mundo é visto de forma binária, pelo padrão *ou/ou*: *ou* bem *ou* mal; *ou* certo *ou* errado; *ou* real *ou* imaginário; *ou* vencedor *ou* vencido; e assim por diante; e) tendência à quantificação e à objetividade; f) dificuldade de lidar com a subjetividade (sentimentos, intuição, emoções) e com a dimensão qualitativa da vida.

Como já foi demonstrado em muitos estudos, a fragmentação e a supersimplificação têm produzido graves conseqüências. As imensas dificuldades de comunicação entre as pessoas e as instituições que elas criaram (a família, a escola, os governos, as empresas, as culturas, enfim) são alguns exemplos. O mesmo é válido para os fracassos quase que invariáveis dos esforços diplomáticos e das intermináveis conversações de paz que proliferam nos noticiários.

A principal peculiaridade desse nosso condicionamento é desalentadora: a experiência tem mostrado que, quanto mais claro fica que estamos marcando passo, mais insistimos em não mudar nosso modo de pensar; quanto mais óbvio se torna que estamos num infinito processo de repetição dos mesmos erros, mais incapazes nos tornamos de perceber essa obviedade. Albert Einstein definiu essa situação em duas frases bem conhecidas: a) *nenhum problema pode ser resolvido pelo mesmo estado de consciência que o criou*; b) *tudo mudou, menos o nosso modo de pensar*.

**O automatismo concordo-discordo** – Nossa tendência a fragmentar é mais forte que a necessidade de integrar. Não sabemos ouvir. Quando alguém nos fala, em vez de escutar até o fim o que ele tem a dizer logo começamos a comparar o que está sendo dito com nossas idéias e referenciais prévios. Esse processo mental – que chamo de automatismo concordo-

---

discordo – quando levado a extremos é muito limitante. Ouvir até o fim, sem concordar nem discordar, é extremamente difícil para todos nós. Não sabemos como lidar – mesmo de modo temporário – com o pouco conhecido ou o desconhecido.

O automatismo concordo-discordo funciona assim: quando nosso interlocutor começa a falar, de imediato assumimos duas atitudes: a) “já sei o que ele vai dizer e concordo; portanto, não vou perder tempo continuando a ouvi-lo”; b) “já sei o que ele vai dizer e discordo; assim, não tenho por que ouvi-lo até o fim”. Em ambos os casos, o resultado é o mesmo: negamos a quem nos fala a capacidade ou a possibilidade de dizer algo de novo – o que na prática pode corresponder à negação de sua própria existência. Faça você mesmo a prova: tente escutar até o fim, sem concordar nem discordar, o que o seu interlocutor está dizendo. Procure evitar que, logo às primeiras frases dele, você já esteja pensando no que irá responder. Verá então como é difícil, e constatará que esse automatismo é uma das manifestações mais poderosas do condicionamento de nossa mente pelo modelo mental *ou/ou* – a lógica binária do sim/não.

Eis o principal objetivo do diálogo: lidar com o automatismo concordo-discordo. Tentar atenuar os nossos condicionamentos, buscar alternativas à atitude habitual. Destas observações, pode-se deduzir a principal utilidade do método dialógico: perceber e pensar as mesmas questões de modo diferente, a fim de que daí possam emergir idéias novas. Num segundo momento (ou seja, já por meio da discussão e do debate) estas poderão ser avaliadas, julgadas, o que pode resultar na implementação de ações não-repetitivas, diferentes das rotineiras.

O questionamento básico do diálogo é simples e pode ser assim enunciado: “E se suspendermos – ao menos temporariamente – as nossas ‘certezas’, e conversarmos fora de sua influência para ver o que acontece?” Ou, posto de outra forma: mudar o modo de olhar, modificar a perspectiva, observar a partir de outros ângulos, pensar os mesmos problemas de modo diferente. Conclui-se, então, que o método se aplica a qualquer contexto no qual seja necessário produzir idéias não-rotineiras e aprender em grupo. Ele é útil em todos os âmbitos e oportunidades nos quais se torna necessário mudar o modo habitual de perceber o mundo. A área educacional e o universo das empresas são dois desses domínios. Com efeito, em muitas organizações de vários países do mundo, o método dialógico vem sendo utilizado nesse sentido.

---

**Origens** – Do ponto de vista etimológico, o termo “diálogo” resulta da fusão das palavras gregas *dia* e *logos*. *Dia* significa “por meio de”. *Logos* foi traduzida para o latim *ratio* (razão), mas tem vários outros significados, como “palavra”, “expressão”, “fala”, “verbo”. Dessa maneira, o diálogo é uma forma de fazer circular sentidos e significados. Num grupo que dialoga, as palavras circulam entre as pessoas, passam através delas sem que sejam necessárias concordâncias, discordâncias, análises ou juízos de valor. As palavras – e o que elas significam – são observadas tal como se apresentam à experiência imediata dos participantes.

Isso quer dizer que na experiência dialógica a palavra liga, permeia, em vez de separar. Aglutina, em vez de fragmentar. Essa noção nos leva a concluir que a interação dialógica não é um instrumento que permite que as pessoas defendam e mantenham suas posições, tal como acontece na discussão e no debate. A dinâmica do diálogo está voltada para ligações, para a formação de redes. Daí o nome de “redes de conversação”, proposto para as experiências de reflexão conjunta, geração de idéias, educação mútua e produção compartilhada de significados.

**Objetivos do diálogo e dinâmica da conversação** – Segundo o físico David Bohm, estes são os principais objetivos de um grupo que utiliza a interação dialógica: a) melhorar a comunicação entre as pessoas; b) observar o processo do pensamento (ou seja, observar a dinâmica da mente de um modo prático e disciplinado); c) construir microculturas por meio da criação de redes de conversação; d) produção e compartilhamento de significados.

De um modo geral – e para fins didáticos –, a seqüência dos fenômenos que ocorrem numa conversação pode ser exposta da seguinte forma: a) as pessoas falam; b) as diferenças emergem; c) fica claro, então, que é necessário fazer escolhas. Estas podem ser orientadas para dois caminhos: 1) discussão controlada, que, caso as posições se acirrem, transforma-se em debate; 2) diálogo. O diálogo é diferente da discussão/debate que, como vimos, é uma forma de negociação: implica a exclusão das idéias “vencidas”. Ao negociar, os interlocutores trabalham no sentido de ganhar algo, embora nesse esforço possam ter de ceder um pouco daquilo que pretendiam ganhar. Depois de uma discussão/debate há uma conclusão – pelo menos é isso que se deseja. No diálogo não se visa concluir, chegar a um

resultado único, nem nada equivalente. Tudo o que se quer é fazer emergir idéias e significados novos e compartilhá-los.

A sinopse abaixo mostra as principais diferenças entre o diálogo e a discussão/debate.

<b>Diálogo</b>	<b>Discussão / Debate</b>
Visa abrir questões	Visa fechar questões
Visa mostrar	Visa convencer
Visa estabelecer relações	Visa demarcar posições
Visa compartilhar idéias	Visa defender idéias
Visa questionar e aprender	Visa persuadir e ensinar
Visa compreender	Visa explicar
Vê a interação partes/todo	Visa as partes em separado
Faz emergir idéias	Descarta as idéias "vencidas"
Busca a pluralidade de idéias	Busca acordos

Cabem aqui algumas observações a respeito do quadro acima. Em primeiro lugar, ele não pretende dizer que o diálogo é melhor ou pior que a discussão e o debate. Trata-se de maneiras diferentes – porém complementares – de conversar. E é bom que assim seja, pois há situações na vida em que precisamos dialogar e circunstâncias nas quais precisamos discutir e debater. Tais eventualidades se alternam ao longo de nossa interação com o mundo. Além disso, na prática a separação entre uma coluna e a outra não é tão estanque assim. Numa sessão de diálogo, as pessoas muitas vezes passam da discussão/debate à interação dialógica e vice-versa. É muito importante, pois, evitar o esquematismo, que aqui é utilizado com objetivos didáticos e nada mais.

Dito de outro modo: há instantes em que precisamos utilizar o modelo mental fragmentador (útil para a discussão e para o debate) e momentos em que precisamos utilizar um modelo de pensamento abrangente (útil para o diálogo). No primeiro caso, trata-se das circunstâncias práticas da vida chamada mecânica, em que precisamos lidar com fenômenos objetivamente observáveis, com quantidades e com as partes em separado. No segundo caso, trata-se de situações nas quais é necessário pensar de modo global, lidar com sentimentos, emoções e intuição – ocasiões em que é necessário compreender a transacionalidade entre o todo e as partes.

No diálogo, ao contrário do que acontece na discussão/debate, não existe o pingue-pongue de perguntas e respostas.

---

O ânimo das pessoas que entram numa experiência dialógica não é a atitude costumeira da nossa cultura litigante, na qual nada deve ser deixado sem réplica e as pessoas competem para ficar com a última palavra, isto é, para “ganhar”. Numa sessão de diálogo, aquele que usa a palavra não deve esperar necessariamente uma resposta – que seria como uma reação à sua fala –, mas sim as percepções e idéias que essa palavra faz surgir nos interlocutores.

Dessa forma, não se trata necessariamente de responder ao que foi dito pelo outro, mas sim falar complementando ou acompanhando o que ele disse, produzindo algo que não existia antes em cada interlocutor e que surge como propriedade emergente no fluxo da relação. Alguma coisa é produzida – algo que não existia nos interlocutores em separado a não ser em estado latente. No diálogo, o padrão “eu falo, você responde” é substituído pela alternativa “eu falo, você também fala; falamos juntos”. As idéias novas surgem por meio da cooperação, não pelo confronto.

No diálogo não há enfrentamento ou competição. Existem interações, ligações e competências interpessoais. A expressão gráfica da discussão/debate poderia ser esta:  $\rightarrow \leftarrow$ . Já para o diálogo, ela seria uma circularidade:  $\curvearrowright$ . Num caso, a relação é linear. No outro, é sistêmica. A finalidade do diálogo é observar e participar para aprender pela compreensão. O objetivo da discussão/debate é participar e intervir para aprender pela explicação. Por isso, digo que no diálogo a postura observadora é o princípio, o meio e o fim. Mas é indispensável ter em mente que a observação dialógica é participante: observo, mas ao mesmo tempo me observo observando; faço parte daquilo que observo.

Um padrão de comportamento ideal para a interação dialógica simplesmente não existe. Como veremos adiante, as (poucas) regras do método dialógico são meramente operacionais. Além disso, não podem ser tomadas como normas rígidas, pois isso quebraria a naturalidade do processo. Não nos esqueçamos de que o compromisso básico de quem entra em um grupo de diálogo é suspender a atitude habitual, ou seja, procurar afastar a rigidez dos condicionamentos.

Vimos que numa sessão dialógica às vezes a conversação é entremeada de momentos de discussão e debate e/ou tentativas de interpretação/explicação. Tal circunstância costuma incomodar alguns dos participantes, que se autocensuram (e censuram os companheiros de grupo) por não estarem cumprindo

---

“as regras”. Por outro lado, as pessoas muitas vezes perguntam: “Como saber se estamos dialogando ou não?” Essa indagação, além de não ter maior significado prático, é ela própria um pressuposto: o de que é preciso seguir à risca as normas. Indica que as pessoas acham que quando estão dialogando é imperioso dialogar e nada mais.

Todas essas eventualidades tendem a desvirtuar a proposta dialógica, pois podem levar ao modelo fragmentador: *ou* discussão *ou* diálogo. Nesses casos, a suspensão de pressupostos torna-se em si mesma um pressuposto, o que gera dúvidas, tensão e ansiedade. Na verdade, nada disso é necessário: se o diálogo e a discussão/debate são complementares, é claro que ambas as formas podem perfeitamente surgir durante uma reunião.

A atitude de estar sempre comparando, checando, controlando, julgando – própria do condicionamento básico de nossa cultura –, tende a dificultar ou mesmo impedir o diálogo. Nossos condicionamentos nos levam a utilizar a discussão e o debate quando eles são necessários e eficazes – mas também nas situações em que são desnecessários e ineficazes. O diálogo tornou-se um meio de comunicação relegado ao segundo plano, quando não inteiramente desprezado. É preciso, pois, reaprender essa arte esquecida. Foi exatamente essa a iniciativa tomada por autores como o pensador Jiddu Krishnamurti, o filósofo Martin Buber, o físico David Bohm e o psicólogo Patrick de Mare, entre outros, que deram início ao movimento dialógico que hoje se espalha pelo mundo.

Contudo, é importante lembrar que, no Ocidente, o introdutor da filosofia em que se baseia a técnica dialógica foi Edmund Husserl (1859-1938). Sua proposta básica era a suspensão de pressupostos, idéias prévias, teorias, e a observação dos fenômenos tal como eles se apresentam à experiência imediata. Essa postura está expressa em sua famosa frase: “Voltar às coisas mesmas”. À sua filosofia, Husserl chamou de fenomenologia. À suspensão de pressupostos, ele denominou suspensão da atitude natural (que prefiro chamar de atitude habitual) ou redução fenomenológica. Dessa forma, deve-se reconhecer que, pelo menos em termos ocidentais, Husserl é, talvez, o principal precursor da atitude dialógica, do mesmo modo que em termos de investigação da mente ele é hoje reconhecido como um dos precursores da ciência cognitiva.

**Abertura para idéias novas** – Nossa mentalidade utilitarista e instrumental faz com que esperemos que sempre nos sejam

---

fornecidos produtos e/ou ferramentas para uso imediato. Tal expectativa, obviamente, pode ser também aplicada ao diálogo, que no entanto não é uma ferramenta, pois somos partes dele. Em geral não existe em nossa cultura a preocupação de aprender pelo relacionamento com o mundo e com os outros. Esperamos que tudo venha de fora já pronto, sob a forma de teorias, regras, normas, instruções de uso que nos digam o que pode e o que não pode ser feito. No diálogo, porém, com exceção de algumas atitudes básicas, não há “modos de usar”, porque existe a consciência de que as pessoas não são coisas nem instrumentos. O que existe são modos de participar e compreender.

Na postura dialógica não há lugar para a idéia de que as pessoas devam se colocar como comandados à espera de ordens e regras sobre a forma de viver suas experiências. Para muitos, tal posição parece cômoda, simples, rápida e, sobretudo, tem a virtude de dispensá-los do esforço de pensar. Na interação dialógica não há nada disso: ela não se apresenta como um remédio, terapia, muito menos como uma ferramenta para resolução de problemas.

Outro conhecido pressuposto de nossa cultura é a separação sujeito-objeto. Por meio dele, julgamo-nos separados do mundo e independentes uns dos outros. Já no processo dialógico, quando suspendemos temporariamente as nossas crenças, estamos dando um passo importante para identificar e, nos casos necessários, suspender esse pressuposto-chave: a idéia de que somos separados do mundo em que vivemos, isto é, de que o ser humano é separado da natureza.

Nossa mentalidade instrumental nos levou a um sem-número de falsas esperanças. Talvez a principal delas seja a de que as ferramentas, as técnicas, as terapias, etc., estão à nossa disposição para fazer o “trabalho duro”, enquanto descansamos e nos divertimos. Tudo isso potencializa nossas fantasias, mas leva invariavelmente a grandes decepções. É o que acontece todas as vezes que descobrimos que nossa vida depende basicamente de nós mesmos mas que, ao mesmo tempo, isso não nos dispensa de cooperar com os outros e vice-versa. A vida depende daquilo que criamos em comum, mas cada um deve assumir a responsabilidade pelo que construiu. Ou seja: somos ao mesmo tempo autônomos e dependentes. O diálogo é um dos meios pelos quais essa condição se torna clara.

**O silêncio no diálogo** – O indivíduo que opta por longos períodos em silêncio, enquanto participa de um grupo de

---

diálogo, está dialogando? Quando todo o grupo entra em silêncios prolongados, pode-se dizer que está havendo diálogo? A resposta é simples: dialogar é antes de mais nada aprender a ouvir. O outro precisa ser ouvido até o fim daquilo que tem a dizer sem que o interrompamos, seja para concordar, seja para discordar do que ele fala. Enquanto ouvimos, é importante ter consciência do que sentimos. É preciso que estejamos atentos às nossas reações ao que ouvimos. A comunicação é fundamentalmente determinada pela percepção de quem a recebe, e não exclusivamente pelo que é expresso por quem comunica. O silêncio – individual ou coletivo – também faz parte do diálogo. É importante perceber aquilo que a fala (ou o silêncio) do outro produz em nós: impaciência? Inquietação? Desconfortos em determinadas partes do corpo? Alterações no ritmo cardíaco e na respiração? Aborrecimento? Ansiedade? O que mais?

Não que o conteúdo do que nos dizem não tenha importância. O que quero destacar é que a comunicação provoca em nós um impacto global, e não apenas intelectual. Por isso, é preciso que estejamos atentos à totalidade de nossa estrutura enquanto ouvimos: ouvir até o fim sem concordar nem discordar. Compartilhar o silêncio, se for o caso. Observar, deixar-nos permear pelo que ouvimos. Não tentar logo de saída analisar, explicar, classificar, ou por qualquer outro meio racionalizar. Praticar a auto-observação (não a auto-análise ou a auto-explicação) enquanto escutamos. Essa é uma postura que por si só implica um grau importante de suspensão de pressupostos. É o que o filósofo Martin Heidegger chamava de relação aberta com o mundo.

Foi dito que as posturas básicas do diálogo são relativamente poucas. Já sabemos que sua essência corresponde à atitude fenomenológica proposta por Husserl, que pode ser resumida nos seguintes itens: a) prestar atenção aos fenômenos quando e como eles se mostram; b) descrevê-los sem tentar explicá-los; c) respeitar as diferenças; d) não se deixar influenciar por pressupostos e crenças; e) pôr todos os fenômenos em pé de igualdade; f) não delimitar prematuramente o campo de observação; g) ver-se como participante, não como observador.

**A suspensão de pressupostos** – Os pressupostos são nossas crenças arraigadas, nossas teorias sobre como o mundo deve ser, nossas “certezas” inabaláveis. Aqui se incluem também, obviamente, nossos preconceitos. Apesar de serem úteis em casos específicos, em muitas circunstâncias os pressupostos

---

“engessam” a nossa mente de tal maneira que acabam estreitando e obscurecendo nossa visão de mundo. Correspondem aos clássicos “já sei do que se trata”, “isso não é novidade” e assim por diante. Eis um conhecido pré-julgamento, que prejudicou (e ainda prejudica) a aprendizagem de incontáveis alunos: “A matemática é complicada e incompreensível”. Tal “certeza” tem fechado o horizonte mental de muitas pessoas para o aprendizado dessa disciplina.

Por meio dos pressupostos, ficamos convencidos de que já “sabemos” tudo sobre uma determinada pessoa, situação ou assunto. Convencemo-nos de que não há mais nada a aprender. Sempre que nos defrontamos com uma idéia ou situação nova, nossa tendência é compará-la de imediato com nossos referenciais, isto é, tentar enquadrá-las neles, reduzi-las a eles. Assim, é fácil deduzir que quanto mais nos agarramos às crenças mais nossa percepção e compreensão se estreitam e se tornam obscuras. A fixação em determinadas idéias constitui o principal motivo de nossa resistência ao novo e à mudança. Fecham portas e obstruem caminhos. Se pudermos suspendê-las, ainda que temporariamente, um mundo novo se abrirá diante de nossa percepção e perspectivas inéditas se tornarão possíveis.

Entretanto, resta saber: a) é possível, na prática, fazer essa suspensão?; b) em caso afirmativo, como fazê-la? A resposta à primeira questão é positiva, mas é preciso esclarecer o que realmente significa suspender crenças. Essa noção, por sua vez, nos dará elementos para responder à segunda questão. O filósofo francês Michel de Montaigne (1553-1592) já falava sobre isso, quando se referia à “suspensão do juízo”, e observava que suspender não quer dizer eliminar definitivamente: significa apenas não julgar por algum tempo até que se tenha uma percepção melhor da pessoa, conceito ou situação. Ou seja: deixar para fazer os julgamentos um pouco mais tarde, quando for o caso. Enfim, manter a mente aberta à experiência.

**Referenciais importantes** – Os seguintes pontos são cruciais para o diálogo como instrumento de busca de idéias novas e, portanto, de conhecimento e aprendizagem. Por isso, precisam ser lembrados:

- O principal obstáculo ao diálogo é o fato de que as pessoas quase sempre definem o seu comportamento a partir de referenciais firmemente consolidados, que acabam se

---

constituindo no principal bloqueio à percepção e ao aprendizado. É o que podemos chamar de atitude habitual.

- Essa atitude é a principal manifestação do modelo mental fragmentador que formata a nossa cultura. Suas características básicas são: a) visão de mundo voltada predominantemente para fora, isto é, a busca constante da objetividade, como se o conhecimento pudesse ser exclusivamente objetivo; b) o conseqüente desprestígio da subjetividade e da qualidade, que são vistas como maneiras "inferiores" de conhecer; c) pensar quase que exclusivamente em termos de causalidade imediata.
- O aprendizado eficaz depende do modo como aprendemos a questionar nossas idéias prévias. Como resultado, poderemos chegar à abertura mental necessária à diminuição da resistência à mudança.

A atitude habitual pode facilmente transformar-se numa posição defensiva. É ela que faz com que a maioria de nós assuma uma posição resistente, sempre que colocados diante de idéias novas. Para diminuir essa resistência, como já vimos, é preciso aprender a suspender tal postura. A suspensão nos leva a uma visão de mundo mais abrangente. Esta, por sua vez, mostra que o conhecimento não é apenas objetivo nem somente subjetivo: é o resultado da transacionalidade entre o observador e o observado. Por isso, lidar com ele implica que as pessoas aprendam a lidar também com sua subjetividade, isto é, com o modo como vêem o mundo e como essa visão gera comportamentos.

Se aprendermos a suspender a atitude habitual, serão removidas, pelo menos em parte, as defesas que entravam esse aprendizado. Ao agir defensivamente, imaginamos que estamos nos protegendo, quando na verdade estamos perdendo eficácia perceptiva e estreitando nossa compreensão. A principal característica da atitude defensiva é a recusa à auto-observação e ao autoquestionamento, com a conseqüente criação do hábito de atribuir as causas de nossos problemas a fatores externos.

Nessa situação, sempre que confrontados com o fato de estarmos na defensiva, nos tornaremos ainda mais defensivos. Entraremos num beco sem saída. Se as pessoas não tomarem consciência de como muitas vezes raciocinam defensivamente – e de que é necessário suspender a atitude habitual para evitar isso –, qualquer tentativa de mudança de mentalidade

---

dificilmente será bem sucedida. Por isso, a suspensão da atitude habitual não é um sinal de fraqueza ou de falta de persistência, como muitas vezes se pensa, mas sim uma demonstração de abertura e senso de realidade. Ela pode ser (e muitas vezes é) difícil, mas seus resultados valem a pena.

Talvez as noções mais importantes sobre a suspensão dos pressupostos sejam estas: a) a suspensão é temporária; b) limita-se ao tempo de duração do diálogo e ao assunto em pauta. Para David Bohm, ela começa com a observação. Na metáfora desse autor, durante o diálogo os pressupostos devem ficar suspensos à nossa frente, como se estivessem pendurados num fio invisível, como roupas num varal. Isso quer dizer que antes de proceder à sua suspensão é preciso identificá-los e expô-los, não apenas a nós próprios mas também aos nossos interlocutores.

É como colocá-los no centro do círculo que dialoga, apresentá-los e tentar compreendê-los (não analisá-los, questioná-los nem explicá-los). A esse respeito, a conhecida frase de Espinosa é ilustrativa: "Não rir, não lamentar, não odiar, mas sim compreender". Ao proceder dessa maneira, permitimos a nós mesmos e aos nossos interlocutores examinar as crenças a partir de novas (e diversificadas) perspectivas, olhá-las de outras maneiras. É importante que esse procedimento seja bem compreendido, porque ele constitui a própria essência do diálogo. É exatamente por isso que tanto insisto nele.

A reflexão coletiva é extremamente importante, porque há muito se sabe que os outros conhecem bem melhor que nós os nossos pressupostos. Ao localizá-los e expô-los, estamos implicitamente reconhecendo esse fato e dando permissão para que as pessoas nos dêem retorno a respeito de nossas "verdades". Ao proceder assim, pedimos-lhes que nos ajudem a superar algumas de nossas limitações.

Dialogar, portanto, é pôr-se à prova, o que reconhecidamente não é fácil. Os resultados, porém, são compensadores. A posição dialógica é uma troca de impressões, um compartilhamento de idéias ou significados que vão surgindo à medida que as pessoas conversam. É comum que elas produzam frases assim: "O que você acabou de dizer me faz lembrar que...", ou semelhantes, e a partir daí se desenrole toda uma dinâmica de criatividade.

Interações dessa espécie configuram todo um movimento de produção de propriedades emergentes. Produzem sinergias. Pode-se dizer que elas põem em prática o princípio básico do pensamento sistêmico, que diz que num sistema o mais

---

importante não são as partes isoladas, mas sim o modo como elas se entrelaçam e fazem surgir propriedades novas (propriedades emergentes), que não existiam ou só existiam em estado latente nas pessoas isoladas. As propriedades emergentes surgem em resposta ao convite implícito em todo diálogo: cada participante convida os demais a ajudá-lo a dar-se conta do que não consegue perceber sozinho, pois suas “certezas” o impedem de fazê-lo. Posições diferentes das nossas não devem provocar em nós a rejeição nem o ímpeto de contestação. Pelo contrário, precisamos nos aproximar delas, conhecê-las, observar as modificações que elas produzem em nossa estrutura.

Há dois modos básicos de lidar com a diversidade. O primeiro consiste em tentar superá-la, ou, se isso não for possível, afastá-la. É o modo representacionista, que afirma que o mundo é pré-dado em relação à nossa experiência e que portanto todos devemos percebê-lo da mesma maneira. Criam-se assim visões padronizadas, bitoladas, massificadas – que no limite têm sido chamadas de “macdonaldização da sociedade”. O outro modo é o construtivista, que sustenta que o mundo em que vivemos é o mundo que construímos ao longo de nossas interações com ele. Para tanto, é preciso aprender a conviver com a diversidade. Sob esse ponto de vista, a interação dialógica é um exemplo de construtivismo levado à prática, pois a emergência de significados e seu compartilhamento geram novos modos de comportamento: são a matéria-prima da construção das microculturas grupais.

**O diálogo é apenas mais um modismo?** – Eis uma pergunta que as pessoas fazem com frequência, em especial no âmbito das empresas, no qual os chamados “modismos gerenciais” estão sempre presentes e proliferam com extrema rapidez. Por essa razão, justificam-se alguns breves esclarecimentos. Proponho alguns critérios, que talvez nos capacitem a saber com um razoável grau de aproximação quando estamos diante de um modismo. Ei-los: a) promessa de aprendizado rápido; b) promessa de resultados imediatos ou a curto prazo; c) visão predominantemente quantitativa; d) promessa de ganhos financeiros substanciais e rápidos; e) promessa de tornar as pessoas “mais competitivas”, por meio da aquisição de certas “habilidades” e “poderes”; f) a pouca ou nenhuma importância dada às relações interpessoais; g) a pouca ou nenhuma importância dada às emoções e sentimentos.

---

É claro que o leitor também pode aumentar a lista acima, recorrendo à sua própria experiência, e talvez recordando as decepções que já teve com um ou mais desses métodos “miraculosos”. De todo modo, ela se propõe a ser um auxílio àqueles que precisam lidar com os modismos. Se aplicarmos esses critérios ao diálogo, os resultados serão: a) o método não é fácil de aprender; b) não há resultados imediatos; c) a visão é eminentemente qualitativa; d) não há promessa de ganhos financeiros rápidos; e) o objetivo não é aumentar a “competitividade” das pessoas nem lhes dar poderes “mágicos”; f) as relações interpessoais são o ponto central; g) atribui-se grande importância às emoções e sentimentos, sem no entanto negar a racionalidade e a praticidade.

Mais uma vez, é necessário lembrar que o diálogo não se propõe a ser algo “bom” e “correto”, cujo objetivo é ocupar o lugar de práticas “más” e “incorretas”. Pelo contrário, sua finalidade é justamente evitar esse e outros tipos de polarização e maniqueísmo. Tudo isso visto, o leitor está convidado a tirar suas próprias conclusões.

### **O diálogo é mais um conjunto de “receitas prontas”? –**

Há quem imagine que a abordagem dialógica não tem metodologia, que seja algo totalmente intuitivo. Trata-se de um equívoco. Há muito de intuitivo em sua prática, claro, mas existem outros aspectos a serem observados.

Ao falar sobre a evolução das espécies, o cientista chileno Francisco Varela se referiu a dois tipos de jogo. No primeiro (que ele sustenta que é o que ocorre no mundo natural), uma vez cumpridos certos requisitos básicos, o resto corre por conta da interação dos sistemas vivos com o meio. O segundo tipo pode ser definido pela diretiva: “Eis o que deve ser feito; tudo mais é proibido”. O primeiro jogo é libertário, o segundo é determinístico, regulamentado.

O diálogo é um jogo do primeiro tipo: prevê algumas normas iniciais, mas daí em diante tudo depende dos participantes. Não se deve, pois, confundir normas operacionais com receitas. Do mesmo modo que o exagero do uso de métodos e técnicas acaba se transformando em um pressuposto (e portanto num estorvo), a ausência de metodologia pode levar ao mesmo resultado. Assim, o que se segue deve ser visto como um conjunto de sugestões a serem aplicadas e desenvolvidas de modo ativo: a) ouvir para aprender algo de novo e não para conferir com crenças prévias; b) respeitar as diferenças e a

---

diversidade; c) refletir sem julgar; d) ter sempre em mente que o objetivo é criar e aprender, e não “ter razão” e sair vencedor.

As pessoas que não compreendem o que é suspensão de idéias preconcebidas, ou que necessitam de explicações, regras, normas e diretrizes detalhadas (manuais de instrução) para suspendê-las, dificilmente conseguirão dialogar. O ponto crucial, como já sabemos, é identificar tais crenças e observá-las. Esse é o início do processo de sua suspensão, que é uma atitude consciente e pragmática. Não há mágicas nem aspectos miraculosos em sua realização. Também não se trata de suspender *todos* os pressupostos a respeito de *tudo e para sempre*. Tal coisa seria impossível e, mesmo que fosse possível, seria desnecessária para a prática do método dialógico. Trata-se – nunca é demais insistir – de suspender momentaneamente, durante a duração do diálogo, as idéias prévias sobre o assunto que está sendo tratado.

Por fim, enumero mais algumas considerações que têm sido úteis em nossa experiência com grupos:

1. A mente faz parte do cérebro; o cérebro faz parte do corpo; o corpo faz parte do mundo; logo, a mente não é separada do mundo.
2. A realidade de um indivíduo é a visão de mundo que sua estrutura lhe permite perceber num dado momento. Tal estrutura muda continuamente, de modo que essa compreensão, que num dado instante parece fora de dúvida e definitiva, pode não o ser mais tarde.
3. Enquanto permanecer apenas individual, qualquer compreensão de mundo será precária. Por isso, é preciso ampliá-la.
4. Com quanto mais pessoas conversarmos sobre nossas percepções e compreensões, melhor. Quanto maior a diversidade de pontos de vista dessas pessoas, melhor ainda.
5. Se uma conversa produzir em nós uma tendência a achar que não estamos ouvindo nada de novo, é bem provável que estejamos na defensiva.
6. É importante dar especial atenção aos pontos de vista dos quais mais discordamos e aos comportamentos que mais nos irritam. Mas isso não quer dizer que estejamos obrigados a aceitar tudo ou a concordar com tudo: significa que o contato com a diversidade é fundamental para a aprendizagem e para a abertura de nossa mente.

7. Do mesmo modo, é importante dar a mesma atenção (no sentido de avaliar constantemente) aos pontos de vista com os quais mais concordamos, isto é, às crenças que nos deixam mais confortáveis, mais acomodados. **THOT**

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOHM, David. *Unfolding Meaning: a Weekend of Dialogue with David Bohm*. Mickleton, Gloucestershire: Foundation House Publications, 1985.
- BOHM, David. *Thought as a System*. Londres: Routledge, 1997.
- BOHM, David. *A Totalidade e a Ordem Implicada: Uma Nova Percepção da Realidade*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- BOHM, David. *On Dialogue*. Londres: Routledge, 1998.
- BUBER, Martin. *I and Thou*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1958.
- BUBER, Martin. *Do Diálogo e do Dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- ELLINOR, Linda, GERARD, Glenna. *Dialogue: Rediscover the Transforming Power of Conversation*. Nova York: John Wiley & Sons, 1998.
- HUSSERL, Edmund. *Ideas: General Introduction to Pure Phenomenology*. Londres: George Allen & Unwin, 1931.
- ISAACS, William. *Dialogue and the Art of Thinking Together*. Nova York: Doubleday Currency, 1999.
- MARIOTTI, Humberto. *As Paixões do Ego: Complexidade, Política e Solidariedade*. São Paulo: Palas Athena, 2000.
- MARIOTTI, Humberto. *O Automatismo Concorde-discordo e as Armadilhas do Reducionismo*. Instituto de Estudos de Complexidade e Pensamento Sistêmico ([www.geocities.com/complexidade](http://www.geocities.com/complexidade)), 2000.
- VARELA, Francisco. *Entrevista*. Publicada em *Psychologie Heute* e reproduzida em *Hyperpage*: ([www.kweb.it/hyperpage/varela/html](http://www.kweb.it/hyperpage/varela/html)), s.d.
- YANKOLOVICH, Daniel. *The Magic of Dialogue: Transforming Conflict into Cooperation*. Nova York: Simon & Schuster, 1999.

O autor agradece a colaboração de Cristina Zauhy (co-fundadora e uma das facilitadoras do Grupo de Diálogo da Associação Palas Athena), que atuou na pesquisa e elaboração deste artigo. E-mail: [zauhy@uol.com.br](mailto:zauhy@uol.com.br)



## O Grupo de Diálogo da Associação Palas Athena: Depoimentos de Participantes

**E**m maio de 2001, o Grupo de Diálogo da Associação Palas Athena completou um ano de funcionamento ininterrupto. As reuniões aconteceram – e continuam a acontecer – todas as quartas-feiras, das 17 às 18:30h. Por si só essa regularidade merece destaque, dado o relativo desconhecimento, no Brasil, da técnica dialógica. Trata-se de uma atividade que, reconhecidamente, exige motivação e persistência por parte de seus praticantes.

No entanto, como se vê nos depoimentos abaixo – escritos por frequentadores assíduos, alguns desde o primeiro dia –, os resultados são compensadores. Não é por acaso, portanto, que o Grupo, que continua em atividade, vem sendo atualmente enriquecido com a presença de novos participantes.

Os interessados em juntar-se às reuniões podem procurar a recepção da Associação. Para noções básicas sobre o diálogo, recomenda-se a leitura do texto introdutório *Diálogo: Um Método de Reflexão Conjunta e Observação Compartilhada da Experiência*, que faz parte desta edição da THOT.

A seguir, os depoimentos.

**O “desmonte” dos velhos hábitos** – Vivenciar o Grupo de Diálogo é uma experiência enriquecedora, na qual a gente se descondiciona e sai da posição de julgar e entender pelo pensamento linear. Ao suspender nossos pressupostos, passamos ao pensamento sistêmico, percebemos também com a subjetividade e, por meio de nossa estrutura interna, chegamos a um outro modo de apreender o mundo.

---

Percebi que, levando esse aprendizado à vida cotidiana, “desmontamos” os velhos hábitos e deixamos de enxergar em “mão única” as questões interpessoais e gerais da relação com o mundo. Em consequência, ampliamos nosso universo interno, o relacionamento com o outro e o senso de alteridade.

Vivemos tão encapsulados em nós mesmos e afastados do outro que acabamos retardando o nosso desenvolvimento pessoal. O Grupo de Diálogo nos dá a oportunidade de analisar, não o fato, o assunto que está sendo compartilhado, mas nos faz dar um passo atrás e perceber o que sentimos em relação ao que está sendo dito, de forma individual, subjetiva, neutralizando os julgamentos e ampliando nossa percepção e consciência.

Na verdade, nossos pensamentos são frutos da cultura imposta pela sociedade, religião, família, etc., e não inteiramente filhos da natureza. Acabamos nos distanciando da nossa essência pela influência de falsos conceitos adquiridos ao longo da vida. Retornar ao próprio eu requer treino e um novo aprendizado de como olhar o mundo. **(Maria Helena Palatnik)**

**Diálogo, não terapia** – Freqüentador assíduo da Associação Palas Athena desde a segunda metade da década de 1980, passei a freqüentar o Grupo de Estudos de Complexidade e Pensamento Sistêmico (outra atividade da Associação) um pouco antes de entrar para o Grupo de Diálogo. Depois de um ano de atividades, entendo que os resultados foram positivos.

Temos conversado sobre o tamanho ideal de um grupo desse tipo, bem como sobre a necessidade de divulgação, que facilitaria a inclusão de novos participantes. Nesse sentido, as atividades foram incluídas no informativo trimestral da Associação, o que fez aumentar a freqüência. Entendo que o trabalho se tornou mais eficiente quando se percebeu que o próprio esforço excessivo para eliminar os pressupostos já era um pressuposto limitante. Com freqüência, durante algumas reuniões, a empolgação das pessoas tirou a dinâmica das condições desejáveis do diálogo e a levou para um simulacro de terapia de grupo, ou para descrições em terceira pessoa.

Não sem algumas dificuldades, conseguimos entrar na dinâmica dialógica. Sinto que cada vez que isso acontece há uma aprendizagem, um crescimento significativo do Grupo. No momento, o grande obstáculo é vencer a repetitividade natural produzida por um número relativamente pequeno de participantes estreitamente relacionados. Praticamente já se conhe-

---

cem os pensamentos e as emoções de cada um. Contudo, a entrada de novos membros começou a afastar esse inconveniente.

Passo agora a descrever minha evolução pessoal no Grupo. Como participante, passei a direcionar minhas leituras para a bibliografia recomendada. Só esse fato já foi plenamente gratificante, pois passei a ter a possibilidade de aplicação prática de tudo o que lera sobre fenomenologia.

Como palestrante, muito já falei sobre a importância de saber escutar sem pensar, sem prejudicar, para poder tomar conhecimento o mais correto possível sobre o que está sendo dito. Fiz várias demonstrações das complicações da interpretação do complexo objeto-fundo. Para mim, a novidade foi o esforço para manter as descrições na primeira pessoa, o que é um pouco difícil para um palestrante que trabalha com dados vindos de terceiros. Foi sobretudo importante ouvir os componentes do Grupo falar de seu enriquecimento psicológico e pessoal pelo aprendizado do saber ouvir sem interpretar nem interromper.

No início, o texto básico utilizado era *Diálogo, Uma Proposta*, de David Bohm. Não se trata de uma cartilha nem de um manual prático, o que é muito bom, pois permite interpretações variadas. No meu entender, esse fato causou um certo desconforto nas reuniões iniciais.

Do exposto, deve-se concluir que o Grupo – depois de reduzido – manteve um bom nível de aproveitamento, que deve prosseguir agora, com a entrada de novas pessoas. De minha parte luto por sua continuidade, e também para que eu não passe a considerá-lo como uma tábua de salvação para os meus problemas pessoais. **(José Luiz Moreira Leme)**

**Olhar e participar** – Ao participar do Grupo de Diálogo, venho tendo a oportunidade de esclarecer uma questão muito antiga, relacionada com meu pensamento. Aprendi que é possível – e muito bom – dialogar, quando as pessoas não estão armadas e apoiadas em pressupostos e julgamentos. Escutar, olhar e perceber o outro tem sido para mim um feliz exercício de aprendizagem, que tem permitido que eu viva melhor meu dia-a-dia. **(Mônica Mattoso)**

**Significação e motivação** – Entrei nesse Grupo pela necessidade de participar e também por curiosidade. É claro que o fato de a experiência estar acontecendo na Palas Athena, somado ao tipo de pessoas que costumam freqüentá-la, também contribuíram para que eu entrasse sem receio. Mais que isso,

---

me fez ter uma predisposição positiva e acreditar de antemão que seria algo significativo e construtivo.

Tudo isso foi, acredito, mais ou menos a motivação “pressuposta” que me fez entrar no Grupo de Diálogo. Com o passar do tempo, fui descobrindo a realidade da dialógica. Vivenciei momentos de camaradagem, de compartilhamento de experiências muito profundas – e também momentos de tédio, até de exasperação, quando alguém contava coisas que me pareciam não ter muito interesse para mim e para o Grupo, sem que pudesse fazer nada para mudar a situação.

Hoje, passados 9 ou 10 meses, se alguém me perguntar o que é diálogo, diria que ainda tenho dificuldades para defini-lo com palavras. Mas posso dizer com conhecimento de causa que se trata de uma técnica social muito válida e interessante, que poderá sem dúvida abrir canais de comunicação e compreensão entre as pessoas, e contribuir para remover entulhos ideológicos, religiosos, profissionais e sociais que têm dificultado e até impedido o entendimento entre os seres humanos, muitas vezes impossibilitando a cooperação. Sim, o diálogo pode contribuir para alargar as oportunidades de um grande Diálogo Universal, para além das terapias de grupo e de outras técnicas sociais.

Observo que a técnica do diálogo compartilha com as terapias grupais, os grupos de sensibilização e encontro, etc., algumas características como aceitação das vivências emocionais e sua compreensão, e o respeito mútuo dos participantes. Entre as diferenças, cabe destacar uma especialmente significativa, que é a possibilidade de – visando melhorar o nível de compreensão interpessoal – coordenar grupos compostos de um número maior de pessoas, independentemente de formação profissional acadêmica. Trata-se de algo muito promissor, que pode possibilitar a ampla disseminação, nos mais diversos segmentos da sociedade, de um processo natural de socialização civilizatória, sem que as pessoas tenham de ser submetidas às amarras freqüentemente rígidas da burocracia formal e às regras impessoais do mercado.

Por outro lado, a dinâmica do Grupo de Diálogo às vezes deixa a desejar, pois em algumas oportunidades ele “patina” sem conseguir evoluir, deixando os participantes paralisados e frustrados. Acho que isso tem a ver com a dificuldade do Grupo, inclusive dos facilitadores, para lidar com emoções mais fortes, muitas vezes associadas aos aspectos mais profundos e negativos. Também pode estar ligado ao excesso de “educação”,

---

que freqüentemente parece tornar-se uma característica grupal.  
**(Chu Yu Gi)**

**O diálogo e a experiência cotidiana** – Desde que comecei no Grupo de Diálogo da Palas Athena, venho procurando observar minha postura em relação aos outros e a mim mesmo. Percebi que exercer o diálogo em sua plenitude é uma tarefa extremamente difícil, que requer um estado de atenção considerável. Apesar das dificuldades encontradas, observei alguns progressos ao longo de um ano de exercícios contínuos. Constatei um certo equilíbrio entre o falar e o ouvir. O exercício de ouvir totalmente o outro trouxe-me uma condição inusitada: a de escutar a mim mesmo. O ato de me ouvir ouvindo o outro colaborou profundamente para o aprimoramento da minha prática docente.

Como professor de física do ensino médio, em uma escola particular e tradicional, percebi que ensinar vai além de cumprir o conteúdo do programa oficial. Passei a compreender que a tarefa do educador está em superar essa limitação burocrática e ir adiante. Isso só é possível quando estamos dispostos a ouvir nossos alunos plenamente – o que não é uma tarefa fácil.

Notei que ouvir plenamente implica saber quem é o aluno em sua totalidade. Saber do que ele gosta, do que ele não gosta, como são seus pais, como ele se relaciona com seus colegas, com a escola, aprender sobre suas limitações e potencialidades. A partir do instante em que passei a ouvir atentamente pais e alunos, comecei a entender com mais clareza a postura dos estudantes em sala de aula. O fato de ter uma noção mais clara deles me faz atuar compreensivamente, procurando dinâmicas de classe que possam levar a outras dimensões existenciais.

Passei a compartilhar com meus alunos algumas histórias recebidas pela Internet, lidas em livros ou vindas de observações do cotidiano. Estas histórias trouxeram uma nova estrutura relacional, e imagino que muito se deve à postura de compartilhar emoções reais e não apenas às disposições frias do currículo oficial. Muitas vezes, conseguimos estabelecer relações entre as histórias e os conteúdos, mas isso não é o mais importante. O que mais importa é a sensação de validação de nossas existências, pela possibilidade de compartilharmos o tempo e o espaço na sala de aula.

O fato de termos que cumprir algumas exigências oficiais – entre elas o conteúdo estabelecido no programa da instituição escolar – não nos impede de ir além. Percebendo que os estudantes querem mais do que aquilo que normalmente se oferece nas aulas, tomei a iniciativa de convidar alguns deles

---

para conversar sobre assuntos diversos durante os intervalos. Logo estava formado um grupo de estudos que se auto-intitulou Grupo de Estudos de Filosofia do Conhecimento. Nele, conversamos sobre muitos assuntos como diálogo, natureza humana, liberdade, felicidade, alienação, física, cálculo, criatividade e assim por diante.

Alguns alunos vêem esse grupo com desconfiança, outros com simpatia. Alguns professores compraram a idéia, outros a ignoraram. Mas um ponto favorável disso tudo é que a direção acolheu a iniciativa como importante para sua estrutura, e solicitou um artigo a respeito dela em seu anuário escolar. Quem sabe não seja essa uma das sementes que promoverá mudanças estruturais profundas, tão necessárias ao nosso sistema educacional?

Há alunos que aparentemente se colocam em uma atitude agressiva, de questionamento constante. Podemos levar essa postura para dois caminhos: combatê-la autoritariamente ou enfrentá-la de modo compreensivo. Procuo ouvi-los ao máximo. Sei que há muito por fazer e que a postura compreensiva requer prática e atenção constantes. Mas os frutos colhidos pelo exercício do diálogo me parecem bastante saborosos, e tendem a se tornar suculentos se enriquecidos com estudos complementares.

Acredito que meu aprimoramento da prática docente está associado a um tripé prático/teórico. Esse tripé tem muito a ver com o Grupo de Diálogo. O estudo e a ação contínua me fazem perceber que o exercício da alteridade, do ponto de vista da complexidade, muito contribui para o aprimoramento de meu entendimento de que a legitimação do outro não pode acontecer se não houver liberdade. E esta é impraticável sem a ação responsável. **(Luiz Fernando Jacob Moreira)**

**Percepção e aceitação** – Durante nossas reuniões de diálogo, aprendemos a ouvir os outros, a observar nossos pensamentos e a perceber os pressupostos que muitas vezes lhes servem de base. Aprendemos a aceitar o outro como a nós mesmos. São momentos privilegiados de introspecção e expressão. Aquilo que mais me intriga nessa fascinante experiência é que, por mais que todos nós estejamos ávidos por aprimorar nossa competência de conviver, não é tão fácil perceber a contribuição do diálogo para as nossas vidas. Isso exige que o participante do Grupo seja persistente e atento. A pergunta que fica para mim, na qualidade de um dos facilitadores, é: como mostrar às pessoas, desde o princípio, que aqui se encontra o mapa de um tesouro? **(Rita Mendonça)**

---

**Experiência e compreensão** – Participo do Grupo de Diálogo da Associação Palas Athena desde o seu início, em maio de 2000. Fui preparada para desempenhar a função de um dos facilitadores. Tratava-se de uma experiência nova para todos nós, e lembro-me da expectativa e da insegurança que nos causava cada encontro. Sempre nos questionávamos: será que conseguimos fazer o diálogo? Aos poucos, a experiência foi trazendo uma compreensão cada vez maior do processo, e os conceitos, até então teóricos, começaram a tomar uma nova dimensão para mim. Percebi que cada encontro era único e que, apesar da dificuldade – que variava de reunião para reunião – em mantermos o relato sempre na 1ª pessoa, era cada vez mais perceptível o compartilhamento de um significado comum.

Hoje, posso afirmar que participar do Grupo de Diálogo é uma oportunidade rara de compartilhar o que temos de mais profundo, que é a nossa subjetividade. O exercício semanal de me reunir com pessoas, ouvi-las observando o meu pensamento, evitando os julgamentos, as explicações teóricas, tem sido uma experiência rica, que me faz observar que quando penso, ouço e falo em conjunto, tenho acesso a uma visão do mundo e de mim mesma mais ampla e melhor do que utilizando apenas os meus sentidos.

Observo ainda que o exercício do diálogo aos poucos foi se refletindo no meu cotidiano, tanto na minha relação com as pessoas como delas para comigo. É fácil entender isso: à medida que melhoro o meu relacionamento com as pessoas, passando a ouvi-las sem julgamentos, respeitando-as e tentando compreendê-las em vez de tentar explicar suas atitudes ou simplesmente criticá-las, recebo delas o mesmo respeito e consideração. Portanto, o diálogo amplia a relação de alteridade.

Tenho também levado a experiência do diálogo para o meu trabalho como consultora de empresas, na área de mudança organizacional. Nesse sentido, a técnica dialógica tem sido utilizada com a finalidade de favorecer a transformação de padrões de pensamento, para que assim seja possível a emergência de idéias novas que estavam bloqueadas pela linearidade do modelo mental predominante. É a qualidade dos relacionamentos que faz a diferença. Nesse sentido, treinar o diálogo traz à tona os comportamentos e padrões de comunicação básicos. Quanto mais ele é praticado nas empresas, mais rapidamente certos comportamentos, normas e padrões de pensamento começam a mudar.

---

Mas não se iludam aqueles que consideram fácil a prática dialógica. Muitas pessoas deixaram de praticá-la em nosso Grupo da Palas Athena, porque se defrontaram com essa dificuldade. Um padrão mental que se encontra firmemente enraizado, não se muda de imediato. Trata-se de um exercício de perseverança e nesse sentido diria que ele se assemelha à meditação, ou seja: requer uma prática, nesse caso coletiva, uma grande disciplina e uma profunda aspiração. Vale a pena praticar! **(Cristina Zauhy)**

**Prática e desafio** – Para mim, a experiência no Grupo de Diálogo da Associação Palas Athena tem sido extremamente desafiadora, em parte por causa de minha formação e prática profissional como psicoterapeuta e também como pessoa. De-me conta, de forma muito clara, que um grupo grande e diversificado me traz mais flexibilidade, torna-me mais atenta e receptiva para exercitar a proposta de suspender temporariamente os pressupostos e apenas observá-los à medida que aparecem. Senti-me ao mesmo tempo muito mais reflexiva do que podia esperar em uma circunstância grupal, isto é, mais atenta ao que estava sentindo, pensando, etc., ao ouvir o relato de alguma experiência de qualquer participante. Senti-me também mais freqüentemente à vontade para falar ou não.

A experiência de compartilhamento me trouxe um sentimento de confiança e liberdade, que jamais havia experimentado num grupo de pessoas praticamente desconhecidas. Percebi que, à medida que chegam novos participantes, continuo à vontade e igualmente interessada. Também observei que, durante os intervalos entre as reuniões do Grupo de Diálogo, ocorreram percepções, mudanças, ampliações, sentimentos, idéias novas e, principalmente, um jeito diferente de lidar com elas e com as experiências do cotidiano. A maior dificuldade que senti até aqui foi quando, em algumas reuniões, o número de participantes era muito reduzido. Nessas circunstâncias, percebi que passei a ouvir o relato como um discurso já “esperado”, e a qualidade de minha atenção e compreensão tenderam a diminuir.

Venho participando do grupo com interesse e entusiasmo. Espero em breve poder compartilhar com outros grupos essa experiência tão enriquecedora, como faço agora com os leitores deste relato. **(Lamara Bassoli)**

**Aprendizado** – No diálogo, aprendi a ouvir o outro e sentir o silêncio. **(Vera Galbraith)**

**THOT**

**Marcos Antônio Lorieri**

É formado em Filosofia pela USP, com mestrado e doutorado em Filosofia da Educação pela PUC-SP, onde é professor. É também diretor pedagógico do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças.

## **EDUCAÇÃO PARA O PENSAR E PARA A CIDADANIA**



● programa Filosofia para Crianças – Educação para o Pensar, foi imaginado e criado pelo Prof. Matthew Lipman e desenvolvido por ele e muitos outros estudiosos, filósofos e educadores. Abrange muitos países do mundo, inclusive o Brasil. Em seu âmbito há três aspectos básicos, que indicam como esse trabalho pode contribuir para uma educação e para a cidadania.

Entendemos por cidadania o fato de todos pertencermos a um agrupamento humano. Nele, convivemos com outras pessoas e todos têm direitos e deveres, de preferência resultantes de acordos coletivos. Tem-se sempre em vista algum tipo de vida que a todos possa parecer minimamente boa. Nessas condições, podemos imaginar algumas qualidades relativas às atitudes das pessoas, que poderiam ajudá-las no exercício dessa vida em comum. Podemos imaginar, também, algumas qualidades de atitudes que poderiam ser estorvos à realização de uma vida em comum satisfatória.

Uma vida assim parece ser um ideal desejável: ninguém, em sã consciência, negaria isso. Difícil mesmo são acordos sobre o que seria satisfatório, ou agradável, ou bom, para todos. E

---

não apenas isso: é também difícil haver consensos quanto a uma série de aspectos ligados à vida em comum, mesmo que se concorde sobre o que seria desejável ou satisfatório. Entre esses aspectos, é possível citar os que dizem respeito ao que as pessoas devem ou não devem fazer, ou referentes ao que elas podem ou não podem fazer. Ou, ainda, ligados àquilo que precisa ser igualmente garantido a todos.

Muito já se discutiu e ainda se discute a respeito desses aspectos. As pessoas precisam dispor de certas competências, para que possam participar das discussões (que deveriam ser sempre diálogos), que ocorrem nas várias instâncias da vida em comum. Ao fazer isso, precisam contribuir com sugestões ou idéias criativas e bem argumentadas. Para tanto, necessitam adotar atitudes que sejam compatíveis com uma vida em comum considerada satisfatória.

A educação é o grande recurso de que dispomos para tentar desenvolver essas competências e atitudes. Nesse sentido, a educação escolar é hoje, mais que nunca, um espaço fundamental. Nele, muitas propostas têm surgido na direção do desenvolvimento de competências e atitudes adequadas à vida em comum, isto é, à cidadania. O programa Filosofia para Crianças – Educação para o Pensar é uma dessas propostas. Sua ação tem se mostrado eficaz, como forma de desenvolvimento das mencionadas competências e atitudes ligadas aos três aspectos mencionados no início.

**Competências “filosóficas”** – É necessário colocar o “filosóficas”, assim, entre aspas. Trata-se de um entendimento de certa forma novo: trata-se de compreender o que significa educar filosoficamente. Significa preparar as pessoas, desde o mais cedo possível, para que elas participem com competência de algumas definições fundamentais que vêm se renovando ao longo da história humana. São definições que orientam a forma de ser das pessoas e das sociedades.

É importante, por exemplo, ter claro o que é ser gente – o que significa ser uma pessoa. E também perceber quem são os seres aos quais chamamos de pessoas. Às vezes, parece que não consideramos todos os seres humanos como nossos iguais. Será que todos são, na realidade, pessoas com os mesmos direitos e deveres, a quem deve ser garantida uma vida boa? E o que seria uma “vida boa” para todos?

Definir o que é ser uma pessoa, ter claro que todos os seres humanos devem ser considerados como tal, esclarecer o que é

---

uma “vida boa” para todos: tudo isso é essencial para que tenhamos parâmetros comuns na organização da “cidade”, isto é, a sociedade. É também essencial definir o que seja justo (e o que é justiça), o que é certo e errado, o que é direito e dever, etc. Do mesmo modo, é fundamental buscar consensos sobre o que é a verdade, sobre a importância ou não de termos conhecimentos, sobre o que podemos definir como conhecimentos e o que sabemos sobre o que é pensar e sobre o pensar bem. Talvez seja necessário buscar referências que nos ajudem a compreender melhor o que é este imenso mundo, o que é o planeta Terra, o que é a natureza, e como devemos viver com ela numa relação adequada.

A quem compete produzir essas definições e referências? Talvez possamos concordar que alguns poucos as produzam. Será que isso geraria a dominação destes sobre os demais, pelo fato de suas definições e referências servirem de orientação para as suas vidas?

Da forma como entendemos a organização da vida em comum (a cidade, a *polis*, o lugar da cidadania), não cabe pensar em apenas alguns como produtores dos grandes referenciais humanos. Importa, isso sim, pensar que todos devem participar dialogicamente de discussões amplas, visando a produção de tais referenciais e contribuindo para a sua reconstrução continuada, à medida que as situações históricas exigirem. Contudo, como as pessoas, todas elas, poderão participar de tais discussões de forma serena, mas firme e colaborativa, se não tiverem, desde cedo, oportunidades de se preparar para tanto?

O programa Filosofia para Crianças propõe esse preparo. Ele não se esgota no aprendizado apenas do método, ou do processo do diálogo: sua ênfase dirige-se aos conteúdos – sempre problemáticos – da filosofia. Tais conteúdos dizem respeito às questões e temas acima indicados, e a outros mais, que fazem parte da tradição do “ser gente no mundo”. Desvelam-se no processo sempre inacabado do filosofar. Inacabado, porque a história humana é dinâmica, processual, mas produz sempre referências significativas, que aguardam legitimação e hegemonia.

Toda essa produção – que inclui suas legitimações e as conseqüentes hegemonias – liga-se ao exercício da cidadania. As pessoas se guiam por elas, muitas vezes de forma nada clara, para agir da maneira como agem e para se posicionar em relação aos acontecimentos. Desse modo, elas validam – ou não – suas interpretações. Mais ainda, as pessoas se orientam por referências significativas diferentes. Tal diversidade, em que

---

pese sua riqueza, gera perplexidades, que se não superadas trazem dificuldades à vida em sociedade.

Daí a necessidade do domínio do que chamamos de competências filosóficas. Elas devem, de modo progressivo, ajudar as pessoas a entender e serem capazes de pensar criticamente a respeito tanto das temáticas filosóficas quanto das variadas posições existentes em relação a elas.

**Competências cognitivas** – Dizem respeito a melhores maneiras de pensar, ligadas aos nossos processos de produção de conhecimentos, argumentação, conceituação, interpretação e tradução, criação de alternativas e assim por diante. Para o desempenho adequado de tais processos, precisamos cultivar em nós mesmos certas competências: a) investigar (observar, formular questões pertinentes, propor hipóteses, produzir comprovações); b) raciocinar (estabelecer relações adequadas entre idéias, fazer relações adequadas entre juízos, de forma a produzir discursos com seqüência lógica); c) produzir inferências corretas e válidas e argumentações consistentes; d) formar ou construir conceitos (analisar, descrever, sintetizar, explicar, definir); e) traduzir (parafrasear, dizer com suas próprias palavras o que ouve ou lê, mantendo o significado).

Uma educação sistematicamente voltada para o desenvolvimento dessas competências pode ser de enorme ajuda para o desenvolvimento da cidadania. Nesta, as pessoas se tornam aptas a produzir conhecimentos necessários à solução de situações problemáticas (investigação). Capacitam-se a ajuizar bem, a expor com clareza, consistência, coerência e coesão as suas idéias. Aprendem a inferir corretamente (raciocinar); tornam-se capazes de analisar, descrever, produzir sínteses, definir, explicar e explicar-se (formação de conceitos); por fim, habilitam-se para entender corretamente o que ouvem ou lêem e a interpretar (tradução).

Os indivíduos que desenvolvem essas competências são potencialmente mais participativos, colaboradores e produtivos. Na vida em comum, podem gerar uma sociedade e uma cidadania mais consistentes. Pensar bem é um ingrediente necessário ao ser humano e contribui para a sua vida social, isto é, para a vida cidadã. Daí a necessidade – que não pode mais ser adiada – de uma educação para o pensar. Esta deve ter prioridade, especialmente no âmbito escolar.

O pensar bem, quando aplicado ao estudo da filosofia, transforma as competências filosóficas em auxiliares efetivos

---

da cidadania e vice-versa. As temáticas filosóficas são melhor compreendidas e criticamente analisadas. Por serem objeto de investigação, análise, clarificação, argumentação, elas promovem um tal empenho e exercício das competências cognitivas que estas, por sua vez, ajudam a desenvolvê-las. Esse é o entendimento implícito na denominação do programa criado e pensado por Lipman: Filosofia para Crianças – Educação para o Pensar.

Mas isso não basta: é preciso desenvolver um terceiro grupo de competências que possam favorecer a cidadania.

**Competências dialógicas** – Visam auxiliar as conversas que têm por objetivo entender as verdades possíveis e as possíveis ações justas. Todos desejamos a verdade e a justiça. Muitas vezes, porém, o que queremos que seja reconhecido como verdadeiro são as nossas verdades. Do mesmo modo, desejamos que sejam tidos como justos os nossos interesses particulares. Pior ainda: com frequência, tentamos impor “verdades” e “formas de agir justas”, ainda que elas não sejam nem uma coisa nem outra. Nada disso serve à cidadania. É preciso, portanto, que se encontrem caminhos para que tal não ocorra.

Um desses caminhos – que precisa ser mais e melhor desenvolvido em todas as pessoas – é a conversa honesta e correta. Ela busca o esclarecimento, a produção do entendimento em torno do que pode ser mais verdadeiro para todos, ao menos num dado instante, como meio de compreensão do que pode ser considerado mais justo.

A trilha da boa conversa pode ser chamada de caminho do diálogo. Mas não é nada fácil ser dialógico: para tanto, é preciso desenvolver várias competências, que podem ser exercitadas na educação escolar. Portanto, podem ser desenvolvidas nas crianças e jovens, com vistas ao melhor exercício da cidadania. São elas, entre outras:

- capacidade de tomar a palavra: ser capaz de falar;
- capacidade de falar na sua vez, respeitando a vez dos outros;
- capacidade de ouvir atentamente quando os outros falam, e entender o que eles dizem;
- capacidade de oferecer bons argumentos ou boas razões em relação àquilo que se diz;
- capacidade e disponibilidade para rever seus pontos de vista, quando se torna claro que eles são parciais ou equivocados;

- capacidade de participar do diálogo, mantendo-se no tema em pauta e na busca compartilhada de esclarecimentos.

Pessoas que tenham desenvolvido tais competências dialógicas podem colaborar mais e melhor para a vida social. São cidadãos que têm em vista encaminhamentos conjuntos e melhor pensados, para a solução de situações problemáticas – grandes ou pequenas – do viver humano.

O programa Filosofia para Crianças – Educação para o Pensar, oferece uma metodologia dialógica, consolidada nas orientações relativas ao que nele se denomina Comunidade de Investigação. Espera-se que crianças e jovens vivenciem a Comunidade de Investigação ao menos durante os oito anos do ensino fundamental. Imagina-se que daí surjam cidadãos, que não só tenham desenvolvidas as suas competências dialógicas, mas que estejam dispostos a empregá-las no trato com as questões do cotidiano e com as demais pessoas. Indivíduos assim têm tudo para colaborar na construção de um mundo de entendimento, de diálogo e, por conseguinte, de paz. Esta só será possível sob o reinado da justiça. A procura da justiça anda junto com a procura da verdade. As duas buscas são feitas pelos seres humanos em conjunto, somando esforços, compartilhando ações, participando.

**THOT**

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LIPMAN, Matthew. *A Filosofia vai à Escola*. São Paulo: Summus, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O Pensar na Educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Natasha: Diálogos Vygotskianos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- \_\_\_\_\_. e outros. *A Filosofia na Sala de Aula*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- SPLITTER, L. e SHARP, A. M. *Uma Nova Educação: a Comunidade de Investigação na Sala de Aula*. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.
- DANIEL, Marie-France. *A Filosofia e as Crianças*. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.
- (Há também uma coleção da Editora Vozes: *Filosofia na Escola*, coordenada por Walter O. Kohan. Os quatro primeiros volumes tratam do Programa de Filosofia Para Crianças.)

Contatos com o Programa de Filosofia para Crianças: Site: [www.cbfc.com.br](http://www.cbfc.com.br)

**SUZETE  
CARVALHO**

Advogada.  
Especializada em  
Filosofia do Direito  
e Mestre em  
Direito do Trabalho  
pela USP, é  
conferencista e  
publica ensaios  
sobre temas  
abrangentes da  
experiência  
humana.

## **VIOLÊNCIA E CIDADANIA UM DIÁLOGO IMPOSSÍVEL**

**V**iolência é o uso da força – física ou não – para constranger ou para coagir alguém a fazer ou deixar de fazer alguma coisa. É agressão, conduta destrutiva que, em princípio, não se confunde com a agressividade, entendida esta como força ou dinamismo necessário até mesmo à sobrevivência. Assim, a agressividade geralmente é positiva, enquanto a violência é sempre negativa. Violência ou agressão era a forma de solução de conflitos pré-jurídica, em que se utilizava as vias de fato, às quais mais tarde vieram a sobrepor-se as vias de direito. Toda violação de direito é, portanto, uma espécie de violência.

A abrangência e o conceito de cidadania têm variado no tempo e no espaço. Na Grécia, berço de nossa cultura, apenas os homens livres eram cidadãos, ficando excluídos os escravos, as mulheres e os estrangeiros, ou seja, a maioria da população. Do Alto Medievo até fins do século 19, guardadas as devidas proporções e os diferentes contextos, a situação não era melhor, especialmente nas colônias européias sob a égide escravagista.

Exemplo dramático de ausência de cidadania é também a exploração de mão-de-obra do período histórico que se convencionou chamar de Revolução Industrial, com suas trágicas condições de vida e profundas injustiças sociais, paradoxalmente fundamentada nas propostas igualitárias do liberalismo jurídico e econômico então dominantes. A este respeito, destaquei em meu ensaio sobre “Consciência Linear e Relações Humanas”, um impressionante relato de Segas Vianna, como um alerta aos simplórios ou mal-intencionados propugnadores do neoliberalismo desestatizante.<sup>1</sup>



Mesmo no “democratizado” século 20, em períodos de ditadura, a cidadania, em seu sentido mais estrito, de liberdade de ir e vir ou de votar e ser votado, tem sido praticamente abolida, mas são geralmente regimes de exceção, em que vigora o Estado de Força e não de Direito, muitas vezes demasiadamente prolongados.

O retorno ao pleno Estado de Direito é lento e, nesses períodos transitórios, a cidadania é capenga, sendo progressivamente objeto de discussão nos mais diversos setores, com vistas a uma conscientização político-social maior e a uma promoção de políticas públicas voltadas ao seu resgate.

Esse é exatamente o momento pelo qual passa o Brasil. A questão é complexa e não se esgota no discurso, até porque nossa experiência democrática é muito recente e submissa às ideologias dominantes. Mulheres, analfabetos e jovens entre os dezesseis e os dezoito anos de idade recém conquistaram o direito de voto. Aquelas, quando casadas, há menos de quatro décadas ainda eram consideradas semicapazes, dependendo da boa vontade de seus maridos para realizar os mais simples atos da vida civil. Nosso modelo mental ainda é essencialmente dualista e, portanto, fragmentador e excludente, não obstante a chamada Constituição Cidadã (C.F. de 1988) ofereça garantias contra a discriminação.

Na prática, há uma fragmentação social geradora de grupos privilegiados, com conseqüente exclusão das “minorias” que,

---

na verdade, compõem a maior parte da população. Essas "minorias" são levadas a se fechar em grandes guetos, nos quais muitas vezes se comportam como ratos enjaulados, que se devoram uns aos outros na luta por espaço e sobrevivência, seja por falta de união ou de acesso ao conhecimento e às condições mínimas de saúde, lazer, higiene e trabalho, isto é, por não gozarem da verdadeira cidadania.

**Violência simbólica** – Por outro lado, um pequeno número de privilegiados que detêm o poder sociopolítico, midiático ou econômico, alia-se na criação de formas hábeis de manutenção de seu *status*, agindo em geral subrepticamente, com receio de perder a hegemonia.

Trata-se da chamada violência simbólica, forma de manipulação que consiste na afirmação de algo, como realidade insofismável, que, embora não contendo bases sólidas, serve para desviar a atenção da arbitrariedade embutida, desconflituando questões mais sérias, estas sim verdadeiras. Não sendo física, essa invisível "violência doce da razão", geralmente passa despercebida inclusive por aqueles contra quem se destina, cuja ingênua cumplicidade acaba por legitimar a imposição, ajudando a neutralizar as possíveis reações, pela consensualidade.

Bons exemplos são a culpabilização dos servidores públicos pelos desmandos da Administração ou a edição de chamadas "leis para inglês ver", que concedem benefícios jamais auferíveis pela população, por prescindirem de regulamentação, sempre adiada.

O caso mais flagrante, embora haja inúmeros, é o do salário-mínimo, garantido constitucionalmente para assegurar alimentação, vestuário, educação, saúde, transporte e lazer, porém, fixado num valor que permite tão só a compra de uma cesta básica de alimentos. A situação se repete, com honrosas exceções que confirmam a regra, nas empresas e instituições privadas de todas as ordens, inclusive familiares, cujos dirigentes se espelham no autoritarismo vigente, gerando insegurança e frustração entre seus membros, em geral hipossuficientes econômica e juridicamente.

Assim é que, emparedados entre a violência real e a violência simbólica, trabalhadores, em geral desempregados ou mal pagos, idosos, mulheres, negros, deficientes, analfabetos, permanecem mentalmente anestesiados, mal se apercebendo da discriminação jurídico-social a que são submetidos.

---

Dessa forma, tornam-se joguetes de uma mídia-laranja, a serviço de certos políticos e empresários poderosos, recebendo as notícias por um prisma distorcido, assimilando uma cultura nivelada por baixo e consumindo bens que lhes são impostos como necessidades e que os mantêm atados a uma roda de ilusões e ... dívidas.

A maioria sequer se reconhece como detentora de direitos e deveres minimamente necessários ao exercício da cidadania, acomodando-se ou aderindo à competitividade predatória, à violência e a outros meios inábeis de convivência social. Em períodos mais críticos, mídia e governo mancomunados, elegem uma ou mais figuras públicas menos cautelosas, cujos desmandos vêm à tona, e as atiram ao centro da arena social para serem execradas pela população, visando aplacar catarticamente o clamor difuso de suas vozes, antes que se tornem consistentes e ameaçadoras da hegemonia da dominação.

Mas toda crise leva a transformações, ainda que paulatinas, e alguns, mais conscientizados, movimentam-se no sentido de uma participação efetiva em busca de melhores paradigmas, esquivando-se das torrentes manipulatórias. Nesse sentido, procuram apreender o verdadeiro significado dos acontecimentos, sem se deixar levar pela visão estereotipada com que lhes são apresentados. Reconhecem, assim, a premência de uma participação ativa de todos os atores sociais para que se efetive a necessária mudança de comportamento mental, que deve preceder as transformações sócio-político-econômicas.

Nesse contexto, poder-se-ia definir cidadania plena como ação participativa nos destinos da comunidade, em pleno uso dos direitos e obrigações da pessoa humana, com a responsabilidade e o respeito que dignificam todos. É o que nos irmana e fortalece.

Para esse agir comunitário, devemos exercitar nossas potencialidades, tentando aperfeiçoá-las. O trabalho voluntário, por exemplo, é precioso e pode ser praticado a partir das pequenas coisas que, somadas, farão a diferença. Ouvir com atenção e humildade a todos, é outro exercício dignificante, que nos acrescenta conhecimentos incalculáveis, pois cada um de nós é um universo de ricas experiências.

Esse é o verdadeiro sentido do diálogo, pressuposto da cidadania como participação plena, que exige direitos e obrigações recíprocas, cuja *práxis* demanda, no mínimo, humanidade no trato com o outro, seja ele quem for. Aqui se incluem até mesmo as ações ecológicas, das quais depende o

---

futuro da Mãe Terra e de seus filhos, dentre os quais somos apenas uma espécie, infelizmente a mais predatória. Ouvir a voz da natureza, da qual somos parte, e antecipar os riscos que podemos causar à sobrevivência do planeta é um trabalho tão importante quanto a prevenção de doenças, drogas e criminalidade. É, portanto, uma ação de cidadania.

**Cooperação** – Todas essas ações exigem cooperação, pois o individualismo e a competitividade são duas das mais importantes causas da fragilidade generalizada e do medo que afetam a população, tornando-a propensa a aceitar a dominação e a violência real ou simbólica que impossibilitam o resgate da cidadania.

Procurar compreender as interações e diferenças sutis entre preconceito e discriminação, senso comum e ideologia, moral e ética, competitividade e competência é também uma ação cidadã, pois possibilita uma reflexão mais aprofundada sobre as questões sociais. Mas é só no diálogo – e não em conceitos pré-formulados e limitadores do conhecimento – que encontraremos respostas a essas importantes questões.

Diálogo e práxis são os dois lados da mesma moeda, preço da cidadania, pois se aquele esclarece e irmana, esta reforça e concretiza. Se herdamos preconceitos, há que revertê-los em atitudes antidiscriminatórias; se recebemos imposições morais (externas), há que equilibrá-las com posturas éticas (internas), transcendendo, sem medo, o senso comum ideologizado.

Desestimular a competitividade desenfreada, incubadora de monstros frustrantes, e colocar ênfase nas reais possibilidades do trabalho competente é a fórmula preventiva mais eficaz que se apresenta à reversão do violento quadro (anti)social, no qual nossa humanidade é mera e friamente quantificada. Há que deixar de ser um número, para voltar a ser cidadão. É nas realizações cotidianas, na solução pacífica dos conflitos, na aceitação do outro que se assenta a mola propulsora da transcendência, ou seja, do despertar da consciência, da liberdade e da igualdade ontológica dos cidadãos humanos.

Transmitir os conhecimentos adquiridos, sempre que possível, àqueles que a eles não tiveram acesso é um ato de cidadania que requer a humildade dos sábios, que não impõem sua visão das coisas, mas procuram instigar a reflexão e fazer com que cada um possa abrir seus próprios olhos aos novos horizontes mentais.

Exemplos de ações cidadãs são ainda as “pequenas” atitudes, como ajudar um deficiente, um idoso ou uma criança a atravessar

---

uma rua movimentada; não jogar lixo nas ruas; plantar árvores e utilizar racionalmente os recursos que captamos da natureza, como água, luz, papel, lápis, combustível; dialogando sobre novas formas de qualificar a vida do e no planeta.

Ser cidadão, portanto, é aplicar e fazer aplicar concreta e indiscriminadamente os direitos (e deveres) humanos, tirando-os de sua condição de mera abstração e desvirtuamento; é reconhecer os pontos de fragilidade do sistema e envidar esforços para sua superação, participando efetivamente na busca de soluções que nos beneficiarão a todos. Assim, o alcance da cidadania plena é necessariamente paulatino, pois depende da conscientização abrangente dos partícipes de todos os grupos sociais e de sua permanente e responsável ação cooperativa, que não se coaduna com a violência sob qualquer de suas formas. **THOT**

#### NOTA

1. Thot 68/1998, pág. 23.

Este artigo é a edição de uma palestra ministrada no Espaço "Creche da Cidadania", na Livraria Ícone, em São Paulo, no dia 23/04/2001.

**GEORG  
TUPPY**

É cardiologista.  
Exerce a profissão  
em Araçatuba,  
São Paulo.

## **UMA VISÃO AMPLIADA DA SAÚDE INDIVIDUAL**

**T**emos em nossa sociedade uma visão estreita de saúde, que dizemos estar geralmente relacionada à presença ou ausência de doenças em nosso organismo. Tal conceito é incompleto e insatisfatório, como observaremos a seguir.

Uma abordagem atual da saúde engloba uma variedade de fatores os mais diversos, que, agindo em conjunto e em equilíbrio, ampliam o conceito de vida saudável. Para facilitar o seu entendimento, vamos recorrer a uma analogia simples: a de uma bola de futebol. Sabemos que ela é feita com uma determinada quantidade de couro, cortada em gomos com tamanhos semelhantes e costurados entre si. Uma bola que tenha um, dois ou três grandes gomos, com outros de menor tamanho ou até ausentes, não será perfeita e não rolará satisfatoriamente.

O mesmo acontece conosco, quando sofremos de um desequilíbrio entre os diferentes aspectos que compõem o nosso viver. Quando uma de nossas atividades ocupa a maior parte de nosso tempo (a quantidade de couro, na analogia da bola), obrigatoriamente teremos menos espaço para as outras, com o conseqüente desequilíbrio. O exemplo mais comum disso é a vida que a maioria das pessoas leva atualmente, caracterizada por muitas horas despendidas no trabalho e locomoção, algumas horas de televisão, outras para dormir (mal) e, às vezes, algum tempo para o lazer com amigos.

**Preocupação e cuidado** – Como estão representados em nós os múltiplos aspectos do viver? Que tempo dedicamos ao

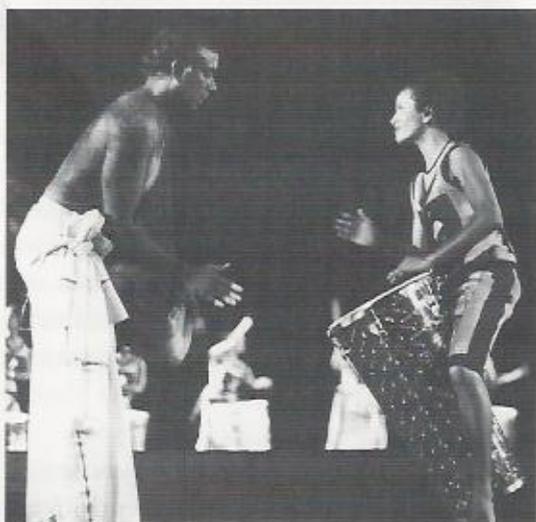
---

exercício físico, sabidamente necessário e fundamental para a prevenção de inúmeras doenças, desde a aterosclerose e suas complicações (infarto do miocárdio, derrames cerebrais, etc.) até a depressão, o câncer e a osteoporose? Todos sabemos que uma simples caminhada de 30 a 40 minutos, 3 ou 4 vezes por semana, já é suficiente para melhorar nossa saúde.

Quais os cuidados que dedicamos à nossa alimentação? Todos temos acesso a informações sobre a importância da qualidade e da quantidade dos alimentos. O que temos feito para implementar, no dia-a-dia, tais cuidados? Comemos para viver, não vivemos para comer. Quando foi que gozamos as últimas férias? A quebra da rotina de trabalho diário, semanal e anual, é sabidamente importante para a manutenção da nossa qualidade de trabalho e de vida. Moderar nossa competitividade e ganância no ambiente de trabalho, ter uma atitude ética em relação aos companheiros, tudo isso também tem um papel fundamental. E aqui também vale a lembrança de que trabalhamos para viver, não vivemos para trabalhar.

Que tempo temos dedicado às relações com o outro? Quando separamos, ultimamente, um espaço para namorar, como nos velhos tempos, o nosso parceiro? Quando estivemos com nossos filhos, a conversar descontraída ou seriamente sobre angústias e alegrias (as deles e as nossas)? Quando cuidamos de nossos relacionamentos com aqueles com quem trabalhamos e convivemos?

Nossas relações precisam ser cultivadas cuidadosamente no dia-a-dia, para continuarem saudáveis e leves. Qual o cuidado que temos tido com o ambiente que nos rodeia? O cuidar de nossa habitação, bairro, cidade, país e planeta, também é essencial à nossa saúde pessoal. Como está nossa vida cultural? Quando fomos ao cinema ou ao teatro, lemos um livro interessante, paramos em uma exposição para divagar em torno de uma obra de arte?



---

E a sexualidade, como está? Temos tido tempo e tranquilidade para essa atividade tão importante para nosso equilíbrio? Sabemos que a maioria dos casos de disfunção nessa área se relacionam com a ansiedade e a falta de tempo para cultivar relacionamentos saudáveis. E a religiosidade? Quando estivemos pela última vez a navegar pelo espaço do sagrado, nas suas mais diferentes expressões, cuja presença também é fundamental para o nosso viver?

Quando estivemos pela última vez simplesmente não fazendo nada, olhando para o vazio, deixando a mente voar sem rumo ou direção, sem cobranças ou imposições? Quando nos fizemos a pergunta essencial: "Por que vivo e tenho a vida que tenho?" Ter consciência e direção sobre os atos do nosso viver é extremamente importante para nossa qualidade de vida.

Por último, um aspecto do qual raramente nos lembramos, embora ele seja a única certeza de nossas vidas. Como temos elaborado, em nossas mentes, a presença inevitável da morte, e o modo de lidar com este momento crítico e único?

Das preocupações e cuidados acima relacionados – e de outros mais – se faz o nosso viver. A presença de cada um deles, como a dos gomos de nossa bola, leva-nos a uma situação de equilíbrio saudável, com reflexos na unidade corpo-mente. A hipertrofia de alguns tirará espaço dos outros, com o conseqüente desequilíbrio. Compreende-se, assim, que não é fácil organizar nossa vida para que todos eles tenham expressão constante. Para isso, é necessário termos a consciência de que cada um deles deve estar presente – o que só pode ser alcançado por meio de uma atitude consciente e determinada, uma lembrança constante da intenção de que a meta a ser atingida é a melhor qualidade possível de vida corporal, mental e social. **THOT**

Este artigo é resultado da campanha DO LEITOR PARA O LEITOR, da revista Thot, promovida em escolas, universidades, etc. convidando para o envio de artigos sobre diversos temas: Ecologia e Meio Ambiente • Direitos Humanos • Ética e Cidadania • Educação e Espaços de Conhecimento • Comunicação e Diálogo • Políticas de Saúde.

**INÉS ANTONIA  
LOHBAUER**

Arquiteta e tradutora,  
co-fundadora e  
coordenadora da  
ONG SOS Represa  
Guarapiranga.

## UM NOVO APOCALIPSE

*Um cenário moderno permanente: a ameaça e o avultamento de um apocalipse que não acontece... O apocalipse tornou-se um evento que está ocorrendo, e não está ocorrendo. Pode ser que os eventos mais temidos, como os que envolvem a ruína irreparável do meio ambiente, já tenham ocorrido. Mas ainda não sabemos, porque os padrões mudaram. Ou porque não temos os parâmetros certos para medir a catástrofe. Ou simplesmente porque esta é uma catástrofe em câmara lenta.*

Susan Sontag<sup>1</sup>



---

**A** palavra vem do grego *apokalypsis*, que significa “revelação”. Esta, por sua vez, vem de *apokalyptein*, que quer dizer “desvelar”, “revelar”. O mais conhecido é o Apocalipse de São João, no final do Novo Testamento, uma “revelação” alegórica com sete anjos que tocam trombetas, um conselho de vinte e quatro anciãos e quatro animais simbólicos, entre os quais o próprio homem. “Bem-aventurado aquele que lê e os que ouvem as palavras desta profecia e guardam as coisas que nela estão escritas, porque o tempo está próximo” (Ap. São João, 1.3).

Mas a nova revelação é a de um cenário que o homem observa atônito e assustado, o cenário de um meio ambiente no qual ele não se incluiu e que agora degrada em ritmo acelerado. Segundo Peter Russell, em *O Buraco Branco no Tempo*, a progressão geométrica do aumento populacional do planeta supera, numa razão muitas vezes maior, a progressão aritmética das intervenções humanas que visam diminuir os prejuízos ou impedir novas ações destrutivas (ou “acidentes ecológicos”).

Essa defasagem também tende a aumentar ao longo do tempo, como mostra a curva descendente da diminuição dos recursos naturais disponíveis nas últimas décadas, que poderia ser também a curva da perda de qualidade da vida humana, segundo os parâmetros tradicionais. Estão embutidos nessa curva os efeitos cumulativos de ações passadas, ou seja, surgem os efeitos do assim chamado “efeito dominó”.

Só recentemente o homem se deu conta da existência da ampla tessitura que interliga todos os sistemas vivos, não só os ecossistemas mas também o próprio sistema mental/emocional dos seres humanos. É ainda uma grande surpresa a descoberta, feita pelos físicos, de partículas que podem se comportar como ondas ou como corpúsculos, a depender do olhar do observador. Qualquer intervenção humana sobre o mundo natural, por menor que seja, tem conseqüências que vão muito além dos efeitos imediatos, pois perpassam todos os ecossistemas durante períodos de tempo variáveis mas que podem ser muito longos, como por exemplo o da trajetória de uma substância tóxica na cadeia alimentar dos animais.

As conseqüências tornam-se visíveis e identificáveis muito tempo depois, e sua amplitude pode ter sido subestimada. Somam-se a estas as interferências que continuam sendo feitas no presente, das quais podemos citar o exemplo dos alimentos geneticamente modificados, cujos desdobramentos (ainda desconhecidos) com certeza se estenderão bem além de um

---

possível efeito nocivo imediato sobre a saúde humana. Um vegetal que passou por processos naturais de seleção, aperfeiçoamento e adaptação durante milhares de anos, certamente chegou até nós perfeito para a alimentação. Mas nem todos aceitam isso. Alegam uma provável escassez de alimentos para a população crescente do planeta, quando todos sabemos que seus objetivos são os proveitos materiais e que não há escassez – o que existe é má distribuição e mau uso dos recursos.

O aumento assombroso dos “acidentes naturais” nas últimas décadas é um sinal da agressão humana ao planeta. Na Ásia e na América do Norte, eles pularam de 20 grandes catástrofes, nos anos cinquenta, para 86 nos anos noventa.<sup>2</sup> A Terra é um organismo vivo, como afirmou James Lovelock, e, assim como os animais e o homem, ela tende a curar suas doenças por um processo de autodepuração, realizado por meio das grandes catástrofes, como erupções vulcânicas, dilúvios, terremotos, etc.

Na Antigüidade, acreditava-se que situações como o afastamento dos homens do divino, do sagrado, e a degradação moral humana, provocassem a ira dos deuses, expressa pelas grandes tragédias naturais. Foi assim na mítica Atlântida, e também nas bíblicas Sodoma e Gomorra. Para os gregos, a *hybris* correspondia à tendência do homem para o desejo voraz, a ambição desmesurada e a dominação. Muitas culturas elaboraram mecanismos de controle dessa tendência, mas a civilização ocidental atual fez dela sua virtude máxima. O antropocentrismo, ao buscar a dominação e o controle do mundo natural, colocou o ser humano em primeiro plano.

**Hybris e catarse** – A natureza, uma vez dessacralizada, deixou de ser sujeito para ser objeto. Os deuses gregos puniam a *hybris*, enviando aos homens que a cometiam *Até*, a loucura cega, deusa de “pés macios, pois só pisa sobre a cabeça dos mortais” (Homero, *Iliada*, canto XIX). A partir daí, iniciava-se na vida daquele mortal um processo irreversível: a destruição do homem que cometera a *hybris* era decorrente de suas próprias ações.

Apesar das catarses terrestres de autodepuração, nem sempre ocorre uma regeneração natural. Quando ela acontece, nem sempre vence a corrida contra a extinção e a degradação continuamente provocadas pelo homem. No balanço que leva em conta todas essas variáveis, ainda estamos com saldo negativo. Lester Brown, em seu relatório anual *State of the World*, de 2000, para o Worldwatch Institute, diz que os dois principais fatores de degradação a serem combatidos prioritariamente,

---

para uma reversão rápida do quadro geral, são o aumento populacional e a mudança climática.

Em que ponto a curva desce começará a subir? Conseguiremos realmente reverter o processo? Quais são as providências efetivas, necessárias para que essas duas tendências, apontadas acima, sejam revertidas? Os fatos nos levam a acreditar num quadro pessimista. As reuniões de cúpula sobre mudanças climáticas começaram logo depois da ECO 92. Seu objetivo era reduzir imediatamente, em 60 a 80%, a emissão de dióxido de carbono para a atmosfera, de modo a manter o aumento dos níveis de aquecimento global em cerca de 1,5°C por volta do ano 2075.<sup>3</sup>

O máximo que foi conseguido, nos acordos de reuniões subseqüentes, foi uma redução de 5%. As decisões sempre ficaram restritas aos governantes e, naturalmente, os mais poluidores são os que menos colaboram. Quanto ao aumento populacional, países menos desenvolvidos, como a Índia e a China, têm sido considerados os vilões. Mas estes já adotaram medidas rígidas de controle da natalidade, que no entanto não se vêm mostrando suficientes. A diminuição do ritmo do crescimento é muito lenta, a estabilização ainda está muito remota.

**Interrogações** – E a ameaça de uma catástrofe nuclear, ficou num passado distante? Nem tanto. Essa ameaça, surgida no contexto da guerra convencional entre nações, ou blocos de nações com ideologias divergentes e alvos militarmente definidos, mudou de quadro. Ressuscitada sob outra roupagem, tem linguagem, métodos e alvos novos, e assim como o extermínio ecológico é difusa, difícil de vislumbrar, de prever, e mais difícil ainda de prevenir. A esperança num sistema igualitário imposto pelo Estado, que foi a tônica das últimas décadas do século passado, foi frustrada, e as situações crônicas de desequilíbrio social e intolerância provocam atualmente manifestações agudas, que transcendem fronteiras, sob a forma de ataques difusos de grupos extremistas. Os grupos extremistas religiosos usam a linguagem que lhes é inerente, do simbolismo, para dar seu recado direto – os alvos simbolizam tudo o que odeiam e que julgam ser os culpados pelas mazelas regionais e globais. A terra está mesmo doente, inclusive em sua tessitura social.

Há salvação? As fotos do planeta, tiradas do espaço pelos astronautas, provaram que a lenda da Terra oca não passa de um mito. Não há aberturas nos pólos por onde possamos fugir

---

para dentro do globo terrestre, rumo a uma sobrevivência da espécie, a um paraíso natural oculto e intocado, que tem recebido muitos nomes, como Agartha, Shambhala ou Shangri-lá.

Permanecer na superfície da Terra poluída e construir redomas e estufas climatizadas, cidades subaquáticas? Ou colonizar outros planetas? Você gostaria disso? Dizem que a Suprema Tecnologia resolverá tudo isso, que ela será nossa salvação. Mas essa deusa impessoal e fria, criada pelo homem, não poderá acalentá-lo e confortá-lo diante da besta imponderável, que aos poucos vai se revelando diante dos seus olhos atônitos.

“Eles têm poder para fechar o céu, para que não chova nos dias da sua profecia; e têm poder sobre as águas, para convertê-las em sangue e para ferir a Terra com toda sorte de pragas, quantas vezes quiserem. E, quando acabarem seu testemunho, a besta que sobe do abismo lhes fará guerra, e os vencerá, e os matará.” (Ap. São João, 11, 6 e 7). **THOT**

#### NOTAS

1. Susan Sontag. Escritora e fotógrafa. Autora de “Aids and its Metaphor” in *New York Review of Books*, 27/out/1988.
2. RE, Munich. Citado em “State of the World 2000”, Worldwatch Institute.
3. ATHANASIOU, Tom. *Divided Planet*. Athens, Georgia: The University of Georgia Press, 1998.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATHANASIOU, Tom. *Divided Planet*. Athens, Georgia: University of Georgia Press, 1998.
- RUSSEL, Peter. *O Buraco Branco no Tempo*. São Paulo: Editora Aquariana, 1987.
- EHRENFELD, David. *A Arrogância do Humanismo*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1992.
- MANGABEIRA UNGER, Nancy. *O Encantamento da Humana, Ecologia e Espiritualidade*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

Este artigo é resultado da campanha DO LEITOR PARA O LEITOR, da revista Thot, promovida em escolas, universidades, etc. convidando para o envio de artigos sobre diversos temas: Ecologia e Meio Ambiente • Direitos Humanos • Ética e Cidadania • Educação e Espaços de Conhecimento • Comunicação e Diálogo • Políticas de Saúde.

---

**MARIA  
ELVIRA TUPPY**

É terapeuta  
corporal. Exerce a  
profissão em  
Araçatuba,  
São Paulo.

## Cultivando um espaço interior

**N**a dinâmica orgânica do Universo, existe um espaço interno que se conecta a outro, externo, revelando todo o potencial do ser humano e do cosmos. Tal espaço é inerente à existência e à manifestação da vida. Todas as tradições se referem a essa instância. E ela está disponível, mas somente por meio do cultivo da disciplina, da dedicação – e sobretudo da atenção profunda – é possível distingui-la. Tanto o Oriente como o Ocidente se referem a esse espaço interior, de natureza qualitativa, sensível, mais próximo da intuição, que convida a todos nós a experienciá-lo e cultivá-lo, como um caminho para o encontro da plena realização.



---

Contudo, um dos grandes obstáculos nessa trajetória são as percepções equivocadas da mente desatenta e desfocada, e também a arrogância e prepotência egóicas. Tudo isso resulta em insatisfações e ignorância. Vivemos um momento de agitação e distanciamento, em que não conseguimos saber qual é o verdadeiro propósito de nossas vidas, tampouco o que lhe confere significado. Buscamos um futuro indefinido e cheio de contradições, por meio de um passado de frustrações e desentendimentos.

Nosso presente, impregnado de mal-estar e melancolia, rouba-nos a oportunidade do discernimento e da humildade. Estamos presos aos nossos pensamentos, projeções, ressentimentos e angústias. Não percebemos que não somos os donos da verdade, nem que não detemos todo o conhecimento. O ritmo acelerado e violento da vida que escolhemos nos torna contrários à nossa essência de organismos biológicos. A incompreensão de que vivemos em redes de conversações – como afirma o biólogo Humberto Maturana –, em que tudo está inexoravelmente ligado a tudo, nos transforma em pessoas que vivem como mortos, carregando nos ombros nossos próprios corpos.

Se, ainda que por muito pouco tempo, pudéssemos olhar para o nosso interior, silenciando a mente, tendo a coragem de desnudá-la de seus condicionamentos e apegos, conceitos e preconceitos oriundos do pensamento linear e da noção de sistemas fechados, talvez pudéssemos começar a visualizar um espaço interior de equilíbrio e paz.

A prática de olhar em profundidade nos orienta para um tipo de aprendizado que transcende nossas construções mentais sobre a realidade, e nos permite enxergar a verdadeira natureza das coisas. Leva-nos ao contato direto com a realidade e nos afasta da prática de apenas descrevê-la em termos de noções e conceitos. Uma consciência desperta, assentada em uma mente alerta, só é possível na medida em que haja o cultivo de um estado interior de serenidade e benevolência.

**Compaixão** – Todo ser humano é dotado das potencialidades de compaixão, amor verdadeiro e compreensão mútua; basta apenas que ele abra esse espaço interior para vivenciá-las. As práticas meditativas são caminhos que podem nos conduzir a um estado de paz interior e libertação. Mas a disciplina, a determinação, o entusiasmo e a dedicação são componentes essenciais para essa conquista.

---

A compaixão nasce sempre da compreensão, e esta é o resultado do olhar profundo. Toda escolha é carregada de intencionalidade, que por sua vez é moldada por valores que, em grande parte, não são percebidos pela consciência. Portanto, o cultivo de uma mente alerta, por meio das práticas meditativas, incluindo a respiração atenta, o olhar em profundidade, a auto-observação sem julgamentos e, ao mesmo tempo, o aprendizado do valor positivo dessas práticas, e o fortalecimento da determinação de implementá-las e acrescentá-las ao nosso cotidiano, permitem-nos libertar nosso potencial.

Meditar é entrar em contato com esse espaço interior. Ele existe, é real, mas quase sempre está encoberto, oculto. Só a consciência desperta nos permite abordá-lo. Esse movimento nos conduz à experiência de viver aquilo que realmente é, o que verdadeiramente somos. Por ser pleno e verdadeiro, o espaço interior é também indescritível. Por isso, precisa ser vivenciado. Apenas entrando em contato com a calma e a serenidade que sempre estiveram dentro de cada um de nós, será possível experienciá-lo.

O estudo, a prática e o conviver são os pilares de sustentação e legitimação dessa conquista. A meditação é uma maneira de ser; é a habilidade de ampliar a mente alerta e desenvolver a percepção consciente pelo cultivo do mundo interior. **THOT**

Este artigo é resultado da campanha DO LEITOR PARA O LEITOR, da revista Thot, promovida em escolas, universidades, etc. convidando para o envio de artigos sobre diversos temas: Ecologia e Meio Ambiente • Direitos Humanos • Ética e Cidadania • Educação e Espaços de Conhecimento • Comunicação e Diálogo • Políticas de Saúde.

**ANDRÉA  
AGUIAR**

Doutoranda  
em Educação  
pela Universidade  
Federal do  
Rio Grande  
do Norte.  
Email:  
deaguiar@ufrnet.br  
deananda@eol.com.br

## **DAS EXPERIÊNCIAS CULMINANTES RUMO À FELICIDADE**

*Por uma corporeidade em êxtase*

**D**esde a década de sessenta, os momentos de êxtase foram descritos pelo psicólogo Abraham Maslow como experiências culminantes, de máximo gozo e felicidade – *uma generalização dos melhores momentos do ser humano*. Ele argumentava que tais experiências eram provenientes de experiências estéticas profundas, como os êxtases criativos, momentos de amor plenos de maturidade, experiências sexuais perfeitas, etc. Tais episódios são dotados de valores que se caracterizam por transcender as dicotomias, expressar totalidade, alegria e plenitude.

Ao pesquisar, de forma dirigida, as personalidades consideradas relativamente saudáveis, Maslow destacou que a integração é um dos aspectos que definem a saúde psicológica, que as pessoas saudáveis são mais espontâneas, expressivas e percebem melhor aos outros e a si mesmas. Nessa integração, a dicotomia entre o eu e o não-eu tende a desaparecer.

Segundo essa visão, o transcender da dicotomia se dá com mais frequência nos indivíduos auto-realizados. No entanto, qualquer pessoa pode vivenciar essa transcendência em momentos culminantes de integração, os quais podem ocorrer no amor supremo entre duas pessoas, na profundidade da experiência estética, nos instantes luminosos de criação, no momento do parto, numa dança, na experiência do discernimento profundo, ou em outros momentos em que a autonomia e a participação fusionam-se numa unidade.

Para esse autor, a transcendência retrata exclusivamente uma experiência humana e não vivências sobrenaturais. Tal



afirmação supõe um desacordo com diversas manifestações teológicas, que descrevem a transcendência dos limites do eu como uma forma de repúdio e depreciação do próprio eu. Por essa perspectiva, na autotranscendência é possível desfrutar nossa verdadeira identidade, e pelo autoconhecimento se processa o meio mais eficaz de percepção da realidade.

A função da educação sustentada pela psicologia humanista, descrita por Maslow, é proporcionar a auto-realização do ser e o alcance da plenitude humana. Nesse caso, trata-se de ajudar as pessoas a se tornarem as melhores que podem ser. Para tanto, é necessário efetivar experiências decisivas e marcantes na aprendizagem.

**Ética** – A auto-realização de que falamos também se sustenta numa ética planetária. Supõe, portanto, uma transcendência dos valores exclusivos de uma cultura, pois expande as referências de uma identidade condicionada a um único país, cidade, ou rumando para um sentido de irmandade universal, o que nos torna cidadãos do mundo. Tal sentido desperta no indivíduo a atitude de cuidar e conservar a vida no Universo, tornando-o capaz de compreender a solidariedade como valor transcultural de uma ética planetária.

Ao entrarmos no âmbito pessoal, podemos também descobrir possibilidades de uma vida cotidiana mais sensível, que se configura num saber ouvir e usar palavras adequadas, com o cuidado de saber estar e acolher. Assim, a vivência do êxtase torna-se um impulso para o crescimento pessoal e para a participação efetiva na experiência da vida, o que pode criar um clima de acolhimento pela plenitude vivenciada na experiência.

Maslow denominou de valores do ser, ou valores-S, as facetas que se expressam nas experiências culminantes e transcendem muitas das dicotomias tradicionais da vida humana, tais como egoísmo e altruísmo, corpo e espírito, religioso e secular. Tais

---

valores não são hierárquicos, porque cada um é tão importante quanto os demais e pode definir-se em função de todos. Sobre os valores-S, Maslow escreveu: *As pessoas que se comprometem e desfrutam os valores do ser também gozam com mais sabedoria suas necessidades básicas, porque as convertem em sagradas.* Nessa perspectiva, o ser humano compartilha uma hierarquia de necessidades. Dentro desse conjunto está a experiência de valores como integração, unicidade, realização, legitimidade, auto-regulação, beleza, alegria, amor, verdade, etc.

**Desafios e limites** – Segundo a teoria dos valores de Maslow, a investigação das mais altas conquistas da natureza humana e do limite de suas possibilidades e aspirações é uma tarefa difícil e tortuosa, pois exige um desapego de conceitos e crenças pessoais, além de transcender algumas leis da psicologia. A partir de estudos sobre as relações amorosas de pessoas auto-realizadas, além de um mergulho nas literaturas filosófica, estética e teológica, ele descobriu que essas pessoas não diferenciavam o Ser do chegar a Ser. Logo, percebeu que a vida motivacional delas tinha aspectos de importância fundamental, diferentes do conhecimento apreensível pela formação acadêmica em psicologia.

Entre os aspectos ressaltados no estudo de Maslow, estão os que ressaltam a percepção aguçada, a experiência de totalidade e integração, estados de atenção total com perda da noção de tempo e espaço – como se por instantes pudessemos captar a totalidade do cosmos. Por conseguinte, ele observou que essas experiências, integrantes da natureza humana, apresentavam-se como um *momento autovalidante e autojustificado que contém em si mesmo seu próprio valor intrínseco.*

Do ponto de vista global, um dos desafios educacionais mais importantes de nossa época consiste em transformar a educação num recurso cultural, que esteja mundialmente disponível e seja capaz de promover o amadurecimento das pessoas ao longo da vida. Tal recurso conduz o indivíduo a um processo de desenvolvimento em direção à plenitude de sua humanidade, o que inclui a satisfação das necessidades de sobrevivência e transcendência. Dessa maneira, é importante que os educadores sejam capazes de demonstrar que essas possibilidades existem, e podem ser concretizadas por meio de práticas específicas.

Na década de 1990, as pesquisas realizadas por Mihaly Csikszentmihalyi o levaram a considerar as experiências de imersão na plenitude da vida, como *experiências de fluxo*, onde

---

a consciência entra num estado de integração e harmonia diferenciados do que acontece na maior parte do tempo vivido no cotidiano, pois, segundo ele, em momentos assim há uma harmonia entre o que sentimos, o que desejamos e o que pensamos.

Na perspectiva defendida por esse autor, o fluxo tende a acontecer nos momentos em que nossas habilidades estão completamente voltadas para a superação de desafios-limite. Isso acontece quando os desafios correspondem às habilidades. O envolvimento pleno na experiência de fluxo gera uma qualidade de excelência na vida, na qual viver é por si só uma justificativa. No entanto, na visão de Csikszentmihalyi, estar no fluxo não significa estar feliz, pois durante ele nosso foco de atenção está na experiência por si só. Contudo, quando a tarefa é completada, pode-se dizer que somos tomados pela excelência da experiência. Assim, em retrospecto tornamo-nos felizes.

Dessa maneira, não se descarta a possibilidade de nos sentirmos felizes sem experienciar o fluxo, como ocorre quando vivemos o prazer de um relacionamento sereno, o lazer de um corpo descansando, a contemplação de um belo jardim ou de uma paisagem. Por conseguinte, é importante entender que esses momentos de felicidade podem ser muito vulneráveis, pois dependem de circunstâncias externas. Já a felicidade que segue o fluxo é criada por nós e depende, em grande parte, da energia que nela investimos. Nesses termos, é necessário investir uma certa energia de ativação, para alcançar a excelência nas experiências vividas. Muitas vezes, porém, sentimo-nos preguiçosos para dar o primeiro passo.

Em relação a esse passo inicial, o cientista Francisco Varela desenvolveu um conceito de cognição, no qual o ponto de partida não é um mundo pré-definido. Para ele, a cognição depende do agente da percepção, pois suas ações são guiadas em situações locais, pelo resultado de sua própria atividade. Portanto – diz Varela – o mundo não nos é “dado”; é algo de que fazemos parte em decorrência do modo como nos movemos, tocamos, respiramos e comemos.

Tais experiências de fluxo, vivenciadas num nível de excelência, não são possíveis por meio de uma reflexão abstrata, separada do corpo, mas somente pela experiência ou reflexão nela corporificada. Dessa forma, Varela adverte que tal reflexão não se faz sobre a experiência: ela própria é a experiência, na qual corpo e mente estão coordenados de maneira natural.

Nesses termos, a busca pelo desenvolvimento pleno de nossa corporeidade nos faz acreditar que temos uma participação

---

ativa na evolução da humanidade. Do mesmo modo, somos diretamente responsáveis pelo que desejamos que seja eterno. Essa corporeidade busca a perfeição do ser (verbo) humano nos valores éticos e estéticos, nas ações de respeito ao próximo, ao "diferente" (o nosso lado sombrio), de cooperação e solidariedade – e também no reconhecimento de que a experiência vivida nos desvela um mundo que se configura no nosso cotidiano por meio da linguagem.

Tal corporeidade não é específica de um determinado país ou continente. É configurada na existência humana, na qual o corpo traz em si a arquitetura do próprio Universo e reconhece sua multidimensionalidade interior, planetária e cósmica. Enfim, é algo que pode preencher nossas necessidades interdependentes de sobrevivência e transcendência. **THOT**

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *A descoberta do fluxo: a psicologia do envolvimento com a vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MASLOW, Abraham. *La personalidad creadora*. Barcelona: Kairós, 1990.
- \_\_\_\_\_. *El hombre autorrealizado: hacia una psicología del ser*. Barcelona: Kairós, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Motivación y Personalidad*. Madrid: Diaz de Santos, 1991.
- VARELA, Francisco J. *Sobre a competência ética*. Lisboa: Edições 70, 1995.

Este artigo é resultado da campanha DO LEITOR PARA O LEITOR, da revista *That*, promovida em escolas, universidades, etc. convidando para o envio de artigos sobre diversos temas: Ecologia e Meio Ambiente • Direitos Humanos • Ética e Cidadania • Educação e Espaços de Conhecimento • Comunicação e Diálogo • Políticas de Saúde.

**CID MARCUS**

É professor de  
Mitologia e  
professor  
universitário  
(Comunicação -  
Semiologia).

# O ORGULHO

**T**omados por ele, encerramo-nos em nós mesmos, fechando-nos para o outro. Negação da alteridade, é luz cega, fortaleza que não reconhece o fosso, embriaguez de espelhos. Os católicos romanos o chamam de soberba, pecado capital, pois "faz" a nossa cabeça. Hieronymus Bosch o pintou com os outros seis, juntamente com a Morte, o Julgamento Final, o Paraíso e o Inferno. Os gregos o colocaram no mito: vão para o Hades todos os possuídos por ele. Dante o vê também no Inferno, como besta leonina, *con la testa alta e com rabbiosa fame*. Com ele inflamo-nos, subimos, tornamo-nos absolutos. Tirania que se julga proteção, crédito sem comprovação, nome pela via do renome. No teatro da vida, sempre tentadora e dolorosa máscara do nosso destino.

Os cristãos colocam o orgulho como o primeiro dos sete pecados capitais, dando-lhe também o nome de soberba. A palavra pecado vem do latim, *peccare*, falta, mau passo, má ação. Depois, toma o sentido de mancha, sujeira, pecha, acabando por significar a transgressão consciente e voluntária da lei divina.

É no capítulo da chamada teologia moral que os católicos estudam a classificação dos pecados. Devido às bases judaico-cristãs da nossa cultura, a maior parte das pessoas no chamado mundo ocidental encara o pecado segundo uma perspectiva que decorre dessas bases. Acreditamos ser útil, para um melhor entendimento do que propomos, uma referência, ainda que breve, a essa classificação.

---

Primeiro, o chamado pecado original, estado de degradação em que são concebidos todos os descendentes de Adão. Esta denominação tem certamente relação com idéias pitagóricas e órficas. Foram os primeiros que no mundo grego nos falaram da crença na imortalidade celeste da alma. A alma para eles não era mais o sopro vital que, na ocorrência da morte, fazia uma viagem ao mundo subterrâneo do Hades. A alma, afirmavam, tinha uma essência celeste, perdendo-se, com o nascimento, no mundo terrestre interior, como que aqui exilada, mas tendo por destino o retorno, um dia, ao seu mundo celeste de origem. Dos órficos, para não nos alongarmos aqui, a famosa expressão que nos deixaram: *soma, sema*, isto é, o corpo como prisão da alma.

Fixaram também os cristãos uma graduação para os pecados, dando-lhes um peso, segundo o grau menor ou maior de responsabilidade, de participação ou de culpabilidade dos que os praticam. Por isso, alguns pecados são mortais, os pecados graves, que maculam perigosamente. Contraopondo-se a estes, os veniais, leves, faltas facilmente remissíveis por simples atos de contrição.

Ainda dentro deste aspecto classificatório temos os chamados pecados capitais, nosso tema, importantíssimos, geralmente aparecendo associados uns aos outros e se constituindo em matrizes de todos os demais. São sete, formando as suas iniciais a palavra SALIGIP (Soberba, Avareza, Luxúria, Ira, Gula, Inveja e Preguiça). Estes sete pecados são "combatidos" pela graça divina expressa nos sete sacramentos, sinais da ação de Deus, segundo a doutrina cristã.

É evidente que esta classificação setenária (sete é o número mais importante depois do três nas religiões) não esgota as possibilidades das ações pecaminosas ou viciosas nem, por outro lado, as modalidades da ação divina pela via sacramental. Razões didáticas estão por trás de tudo isso, cabendo-nos lembrar que nas mais antigas tradições o número sete sempre representou uma idéia de mudança, de renovação, um movimento que se segue a algo que se completa.

**A visão alquímica** – Dentre as inúmeras leituras possíveis sobre o orgulho, uma logo se impôs para nós: usar aquilo que a Alquimia, por meio da chamada teoria dos quatro elementos (Fogo, Terra, Ar e Água) oferecia. Usar a linguagem que ela nos deixara, seu grande legado, formada por um sistema simbólico de riqueza extraordinária, que permitia não só o

---

acesso ao sentido oculto de muitas lendas, contos, mitos e da arte em geral como, e sobretudo, porque lançava uma luz nova sobre as razões do impulso criador do homem e ao seu próprio processo de individuação.

O fogo e o ar são elementos que nos falam de atividade, a terra e a água, de passividade. Os primeiros têm relação com a verticalidade, o que indica aspectos qualitativos, gradações para cima ou para baixo. Os outros agem horizontalmente, pressupõem aspectos quantitativos, lembrando acúmulo, interiorização, contração, inércia.

Alquimicamente, o fogo tem como operação a calcinação (*calcinatio*); o ar, a sublimação (*sublimatio*); a terra, a coagulação (*coagulatio*); a água, a dissolução (*solutio*). A partir daí encontrar, pois, uma relação entre o orgulho e os elementos e as suas respectivas operações alquímicas.

Orgulho vem de *orgoli*, do frâncico, baixo alemão falado pelos antigos francos. Do latim nos chega soberba, *superba*, de super, supra. Muitos são os sinônimos: empáfia, arrogância, presunção, vaidade, jactância. Todavia, aquilo que para nós parece melhor caracterizar o orgulho é a sua dinâmica, o seu impulso para a desmedida, para a desproporção, para o excesso.

Os antigos gregos deram o nome de *hybris* a esta tendência que leva o ser humano a ir além de certos limites que não devem ser ultrapassados. Máximas que estão na religião, na filosofia, no mito, “conhece-te a ti mesmo”, “nada em excesso”, fazem da *hybris* o *leitmotiv* do pensamento grego. Histórias como as de Faetonte, Belerofonte, Sísifo, Tântalo, Títio deixam arquetipicamente para nós expressões modelares do tema. Insolentes, arrogantes, violentos, tentaram de algum modo se igualar aos deuses ou mesmo até a superá-los. Esta postura mental, a *hybris*, tem como matriz *koros*, o desdém, a saciedade, o menosprezo, atitude que se opõe à *sophrosyne*, disposição para a moderação, para a prudência. Acabam todos no Hades, na sua região mais profunda, o Tártaro, condenados a repetir os mesmos gestos eternamente.

**O orgulho do fogo** – As imagens e símbolos ligados ao fogo estão por trás das mais variadas expressões do poder e de suas patologias. Brilho, calor, luz, radiação, resplandência, fulguração são aspectos qualitativos do elemento. O fogo é iluminação, energia, poder material, sexualidade; permite ver, discernir. Com ele, analisamos, separamo-nos, destacamo-nos, tomamos consciência, individualizamos-nos.

---

No mito grego, o fogo tem origem celeste. Foi trazido à terra por Prometeu, que o entregou aos humanos, o que lhes permitiu sair da condição próxima à animalidade em que viviam. Aos poucos, foram os humanos adquirindo uma consciência, apressaram o seu processo de socialização, desenvolveram técnicas para intervir na natureza, aceleraram os seus ritmos, trocaram o meio natural pelo técnico.

Esquecida a origem celeste do fogo, atrelaram-no à matéria, utilizando-o apenas na produção de bens que levavam àquilo que chamamos de felicidade: a satisfação de desejos materiais, desejos que satisfeitos realimentavam o próprio desejo num encadeamento sem fim, algo que jamais se sacia. Perceberam então os humanos que o fogo podia ter três níveis, o celeste, o terrestre e o infernal, este último aparecendo, como ocorria, sempre que o fogo terrestre perdia as suas perspectivas celestes.

A ilustração de tudo isto pode, por exemplo, ser encontrada na crônica de Hefesto, deus da metalurgia, do *know how*, protótipo do *homo faber*, mestre das forças ígneas aplicadas à produção de bens e utensílios maravilhosos. Patrono das eras industriais que viriam, Hefesto fascina, nos torna dependentes do que produz, tamanha é a perfeição técnica do que fabrica. Fascínio, não nos esqueçamos, vem de *fascis*, feixe, e tem estreita relação com fascismo. Mas Hefesto tem um lado profundamente aético, bastando-lhe tão somente a perfeição técnica dos seus produtos. Nada de questões quanto à necessidade ou à conveniência da existência do que é produzido além de razões econômicas ou técnicas. Uma tecnologia que facilmente ganha contornos infernais. Esta ambigüidade de Hefesto está estampada no seu próprio corpo: o deus que produz maravilhas, objetos e utensílios tecnicamente perfeitos, o deus da tecnologia que aponta para o futuro, tem um defeito físico irremediável, seus pés estão voltados para trás, como que a significar que ir para frente pode muitas vezes ser um retrocesso ...

O orgulho de Lúcifer (aquele que transporta a luz), o mais belo e inteligente dos anjos, é uma outra expressão do orgulho do fogo. Lúcifer é o fogo do intelecto na sua forma revoltada. Será, por isso, precipitado nas chamas infernais, um fogo que queima sem consumi-lo, excluía qualquer possibilidade de regeneração. A história de Lúcifer deixa claro que o fogo do intelecto tem que ser também um servidor do espírito e não só da matéria.

Já o tema de Mefisto, como aparece na literatura medieval, traz outras contribuições para este capítulo do fogo, ao

---

representar a sua figura a inquietação fecunda e criadora do intelecto que se torna perversa ao jamais conseguir integrar harmoniosamente as suas criações com o Todo. Ainda que Mefisto possa ter, simbolicamente e visto por um certo ângulo, um lugar de destaque na evolução progressiva da humanidade (é da mesma linhagem de um Descartes e de um Francis Bacon), seu insaciável desejo de aproveitar tudo da vida e tudo conhecer não poderiam levá-lo senão ao fracasso. Mefisto foi a parte que tentou se sobrepor ao Todo. Dignas de registro as raízes de seu nome: Me (não) + phos (luz) + philéo (amo), ou seja, não amo a luz.

A Astrologia nos oferece, por sua vez, uma das melhores representações do orgulho ao descrever os tipos nascidos entre julho e agosto, os leoninos. Emblema do poder soberano, o leão é símbolo de grandeza, da autoridade natural, o animal mais divulgado na heráldica. O leonino típico faz da sua figura um foco glorioso, o centro do mundo. Daí, a necessidade de renome, o grande desejo de impor a marca do seu ego no mundo. Cheio de grandeza, liga-se sempre que possível à pompa, ao suntuoso, ao teatral, com demonstrações explícitas de sua força e riqueza. Psiquicamente, é um inflado. É dentro desta linha leonina que vem da mitologia grega a figura de Narciso, o embriagado de si mesmo, aquele para quem a alteridade não existe. Ou, indo mais fundo, talvez a maior expressão da *hybris* do fogo: Zeus, pelo seu lado cosmocrata, quando ele se torna fonte absoluta e única da verdade, quando monopoliza o poder da autoridade, quando proclama que fora dele não há salvação, falando grosso pelo trovão e punindo com o raio.

**O orgulho do ar** – Um dos sinônimos de orgulho, vaidade, oferece-nos uma boa possibilidade de ligá-lo ao ar e à operação alquímica correspondente. Vaidade vem de *vanitatem*, isto é, cheio de vento, com gases, flatulento. O elemento ar propõe, com efeito, elevação, expansão de limites, soltura, ascensão, acenando para a predominância de funções mentais, lógica, para atividades intelectuais.

Liga-se, o elemento à *sublimatio*, à transmutação do sólido em gasoso sem que haja passagem pelo líquido. A imagem da sublimação foi da Astronomia para a Psicologia, incorporando-se ao termo o sentido de melhorar, elevar, refinar. Não é outra, aliás, a origem da palavra: *sub* + *limen*, a parte superior da porta, o lugar mais alto dela. O campo semântico se ampliou

---

passando sublimar a significar elevar, exaltar, glorificar, volatilizar, transcender, espiritualizar ...

Muitas práticas ascéticas, por exemplo, por meio da operação denominada *mortificatio* (mortificação), procuram refinar a matéria (*coagulatio*), expurgando-a de elementos grosseiros, indesejáveis, geralmente representados pela terra e pela água, apegos, paixão, emoção, etc. Daí, a satanização do mundo material nas religiões, pois é o inimigo natural da sublimação, da ascensão, da espiritualização. Grande parte das chamadas experiências místicas (êxtases, transportes, levitação, projeções, etc.) se alimenta de uma psicologia ascencional inspirada pelo elemento ar.

Difícil hoje distinguir entre as formas realmente superiores da sublimação e as degradadas, doentias, falsas, tanto na vida religiosa como na vida intelectual. Em muitos casos, quanto à primeira, o processo de desmaterialização chega a tal ponto que corremos o risco da perda de contato com o mundo material em que vivemos. Ficamos presos nas alturas do Himalaia, entre os picos do Meru e do Kailasha. Noutros casos, a dúvida nos toma: negócio ou religião? Noutros, ainda, litânicas que nada mais significam ...

Se nos voltamos para a vida intelectual, togas, becas (ainda existem), cátedras, pódios, mestrados, doutorados, currículos podem trazer a tentação das alturas, embora, via de regra acabem por levar ao isolamento, à indiferença, ao absolutismo, à acomodação já que em muitos poucos casos há ali vida vivida, eis que não somos o que escrevemos ou falamos, mas o que vivemos.

As grandes imagens do orgulho pelo ar podem ser encontradas em pássaros, montanhas, torres, minaretes, catedrais, arranha-céus, balões, asas, foguetes, escadas, todos, de um modo ou de outro, simbolizando o anseio da elevação, o desejo das alturas. Um dos maiores monumentos levantados ao orgulho foi a torre de Babel, o famoso zigurate da Babilônia construído em homenagem a Nebo, deus da sabedoria e da escrita. Ficou essa torre como um símbolo da pretensão humana de chegar aos céus por meios terrestres. Não é certamente pela via material, pelo intelecto, pela ciência que poderemos reconstituir a totalidade terra-céu. No fundo, a torre não passou de um esforço extravagante, inútil, arrogante, que trouxe como punição a dispersão, a fragmentação da unidade original.

O homem da ciência de hoje, já houve quem dissesse, parece viver uma espécie de "babelismo" por meio de algumas

---

experiências (projetos espaciais, genética, agricultura, etc.), formas de ascensão perigosas porque não orientadas por uma *sublimatio* superior. Tais experiências, ao serem apresentadas, nunca ou raramente incorporam idéias de aspirações espirituais, acesso a níveis superiores de consciência, propostas de vida fraternal ... Apenas aspectos físicos, materiais são destacados: libertação da gravitação, velocidade, ocupação mais rápida do espaço, aceleração, economia, lucros. Aspectos puramente técnicos, mecânicos, numéricos ... O homem está se preparando para ir a outros planetas ou descer a níveis impensáveis no interior da matéria, uma vitória, sem dúvida, mas algo, muito, vai se perder, como está se perdendo, nessas viagens.

O orgulho tem como forças opostas, se ígneo, a retração da luz, as trevas, o Tártaro, que tanto pode ser ausência absoluta daquela como imobilidade e *samsara*. Se aéreo (elevação), a queda. É a lei.

**O orgulho da terra** – Menos espetaculares e dinâmicas que as do fogo e do ar, as formas de orgulho da terra e da água merecem, contudo, registro. Como princípio passivo, associado à *coagulatio*, a terra lembra forma, acúmulo, densidade, substância, massa, predominância horizontal, ventral. É também peso, espessura, estabilidade, solidez, fixidez. Os valores são os terrestres e os verbos, apalpar, tocar, acumular, somar, acrescentar, juntar.

O que move o orgulho da terra é o desejo, isto é, a carência, a falta, desejo que para muitos místicos é sempre *coagulatio*. Algo que se encarna, que se adensa. Jacob Boehme observou que, ao desejar, a vontade se contrai e se torna substancial, ocorrendo uma perda da fluidez e fixamo-nos em algum ponto. Esta perda de fluidez, esta fixação, se traduz por um crescimento da forma, por acúmulo, por aumento de volume. Daí, os mais comuns temas do orgulho da terra: dinheiro, avareza, gula, segurança, estabilidade, temas que Balzac desenvolveu na literatura como ninguém jamais o fez.

A *hybris* da terra poderá ser melhor entendida pelos conceitos que as pessoas tomadas por ela mais valorizam: regulamentação, direção, utilitarismo, pragmatismo, obstinação, paciência, rotina, resistência, egoísmo, timidez, prudência, introversão, rigidez. Sempre uma grande necessidade de fronteiras e limites bem definidos, autoproteção, barreiras entre elas e o mundo. Protegem-se, ninguém entra no mundo delas, mas sempre presente a ameaça de dele não poderem sair.

---

Na Alquimia, a coagulação é a conquista da forma, sendo, nesse sentido, o contrário da água (*solutio*). Todas as histórias relativas a cosmogonias têm geralmente como início o aparecimento da terra, a sua emersão do elemento líquido. A conquista de um eu tem correspondência com este quadro. O nosso processo de individuação é, de certo, uma vitória sobre a água, o elemento que está nas nossas origens e que nos ameaça permanentemente de reabsorção.

Os exageros com relação à construção da nossa individualidade é que acabam por gerar a *hybris* da terra. É ainda da literatura francesa, mais exatamente do teatro clássico, que nos vem uma das mais bem acabadas figuras desse tipo de orgulho, Harpagon, personagem de *O Avaro*, de Molière. O nome Harpagon vem do grego, *harpagê*, rapacidade, e tem a ver com as Hárpias, divindades gregas da geração anterior à olímpica. Monstros com corpo de pássaro e cabeça de mulher, simbolizam as paixões viciosas, os tormentos obsedantes causados pelos desejos. A paixão que devora Harpagon matou nele, um rico burguês, todo o sentimento de dignidade. Desconfiado e brutal com relação aos que o cercam, é mau pai e patrão. Enamora-se da jovem Marianne, mas pensa muito mais no seu dinheiro do que nela. O fracasso dos seus propósitos amorosos o perturba bem menos do que o roubo, provisório, do seu tesouro.

O maior símbolo da *hybris* da terra é o chumbo, o grande agente da *coagulatio* na Alquimia. Metal pesado, é tradicionalmente ligado ao deus Saturno, deus da delimitação e da separação. Por isso, o chumbo representa tudo o que é denso, fechado em si mesmo, introverso. O chumbo segrega, inibe, tendo por isso a ver com auto-suficiência, distanciamento, isolamento, impedindo as trocas, as transmutações. É, neste sentido, inimigo natural do deus Dioniso, o deus das transformações, das fermentações, do vinho. É por esta razão que garrafas de vinho são lacradas com folhas de chumbo e que nos protegemos contra radiações usando aventais feitos com ele.

Quando Saturno e o chumbo atuam em demasia surgem endurecimentos. Até um determinado ponto eles nos ajudam, nos dão a resistência adequada ao que pode nos ameaçar, fortalecendo o corpo e a alma. Ultrapassado esse ponto, é a rigidez que ameaça, tudo fica mais ingrato, nada de divertimentos, só deveres e preocupações, vida governada por relógios e calendários. Não é por acaso que a velhice sempre

---

aparece associada ao chumbo. As angústias que nos atormentam na forma de hesitações, inquietações ou arrependimentos devem-se certamente a esse astro-deus e ao seu metal.

**O orgulho da água** – Princípio passivo como a terra, a água é receptividade, permeação, sensibilidade. Enquanto a terra opera por meio da resistência passiva, a água atua por rendição passiva. A *hybris* da água amplia enormemente os aspectos plásticos, podendo levar a coesão interna a zero. Por isso, muita passividade com relação ao exterior, o que torna difícil, senão impossível, organizar, dar um sentido de direção. Tudo fica oscilante, instável, inoperante. As percepções acabam por se impor, trazendo muita impressionabilidade, muita suscetibilidade.

Além destas pressões externas, que sempre podem ter um caráter concreto, objetivo, as pessoas-água têm também uma grande tendência de criá-las pela imaginação. Obrigações que não lhes cabem; viver ou trabalhar segundo expectativas que estão na sua cabeça, produzidas por elas, nunca feitas por outros, mas a quem elas as debitam; envolver-se comumente em relações que delas parecem muito exigir; superestimar a importância dos outros, de colegas de trabalho, de amigos ou familiares, principalmente de autoridades, mestres, pais, professores, chefes; achar que as suas ações sempre parecem mais beneficiar aos outros que a elas, o que, aliás, costuma acontecer.

No geral, a *hybris* da água leva as pessoas tomadas por ela a escapar dos planos objetivos da vida. O corpo físico é geralmente deixado de lado, desejos, se existem, são negligenciados. A vida consciente e racional se reduz; no lugar, a emoção, a sensação, a impressão, a imaginação, a recordação, e a envolver tudo um clima onírico, um sentimento de inalcançável, traduzido superlativamente, por exemplo, por um Baudelaire em seus poemas, de modo especial o *L'Invitation au voyage*.

Nos tipos negativos, nos quais os excessos se impõem, a enorme capacidade de sentir, à falta de uma vontade firme, se converte num valor, sempre oposto à racionalidade e à lógica. Vivem eles então num suportar constante, numa condição de eternos pacientes, prisioneiros dos seus padecimentos, parecendo fixados na idéia de tornar a vida cada vez mais miserável. Além disso, ou por causa disso, sempre uma renúncia à luta, uma fuga do campo de batalha, sempre o benefício da dúvida para o outro.

---

Muitas formas de conversão religiosa, de ascetismo, de penitência, de abstinência, de disciplinas e dietas infligidas ao corpo têm origem nessa postura. São pessoas que abdicam, dissolvem-se em algo maior do que elas. Capitulam, rendem-se, deixam de pensar, de decidir, pondo fim às angústias. É o grupo que então estabelece, o partido que escolhe, a seita que decide, a comunidade que elege. Deixam de ser buscadores, se é que o foram um dia, tornando-se tão só seguidores, dependentes da vontade dos outros.

Nos casos mais extremos dessa entrega à *hybris* da água surgem a derrota, a tortura, as mutilações, as expiações, imagens muito negativas, muito distantes dos aspectos superiores da *solutio*, das formas renovadas de vida, de renascimento, de ressurreição. Ao invés de purificar, lavar, regenerar, a água engole, faz submergir, afoga. E isto porque nesses casos não se trabalha com uma proposta de mortificação livremente assumida, mas sim, ao contrário, imposta de fora. Temos então os casos patológicos, pulsões autodestrutivas, tanáticas.

Em muitos casos, este sofrimento todo, embora sendo uma derrota é vivido como uma virtude, com orgulho, até proclamado, ostentado. Difícil fixar um limite entre as formas superiores da dissolução, as que levam a um renascimento, livremente assumidas, e as que apenas significam renúncia e morte.

Os exemplos se apresentam. No palco, o desfile pode começar com Jó, trazendo, puxados pelas mãos, o bode expiatório e a ovelha negra; acompanha-o de perto aquele que lembra o julgamento do lado esquerdo de Deus, Isaac; um pouco atrás, o príncipe Mychkine vem com o "cavaleiro da triste figura", Dom Quixote, este apontando establanadamente a sua lança na direção de Lázaro, o pobre ulcerado, ainda sentado à porta do mau rico, de onde ele acena para Fantine, que se antecipa alguns vultos, mais ao fundo, vultos que ainda não conseguimos identificar, mas certamente passarão por nós, um desfile que não terminará tão cedo ...

**THOT**

Este artigo é edição de uma palestra do ciclo "As dores da alma" realizado na Associação Palas Athena em outubro do ano 2000.

**BETO  
HOISEL**

Autor da obra  
*Anais de um  
simpósio  
imaginário,*  
da editora  
Palas Athena.

# O lamento de Hipácia



Sinto em minha carne, em minha pele, a fria proximidade da nudez da morte.

Ouçó lá fora a multidão dos seguidores de Cirilo, sequiosos de destruição e horror.

Sinto em meus ossos nus o sopro gelado da ignorância, da brutalidade, apagando luzes que por séculos brilharam.

Sinto a náusea, a vertigem, de um mergulho em mil anos de escuridão e silêncio.

Abismo!

Por mais de sete séculos, brilhou em Alexandria um grande farol que iluminou os homens de todas as nações nas rotas do conhecimento e da arte.

Por mais de sete séculos, aqui, na encruzilhada dos tempos, reunimos os valores perenes do mundo civilizado.

Por mais de sete séculos, escrevemos e copiamos, traduzimos e catalogamos, compramos, furtamos e roubamos toda palavra preciosa que foi possível encontrar.

Por mais de sete séculos, reunimos e classificamos, corrigimos e organizamos, fizemos edições e as preservamos, com o critério, a paciência, de zelosos escribas.

---

Dos navios que por aqui passaram, confiscamos papiros e pergaminhos.

Dos templos e palácios de todas as nações, expropriamos os manuscritos deixando o ouro e as pedrarias.

De Atenas e Siracusa, de Mileto e Abu-Simbel, de Cartago e de Roma, do planalto de Anatólia e até da Índia distante, trouxemos palavras e idéias, relatos e teoremas, o teatro e a ciência dos astros, a medicina e a geometria.

Aqui, eu construí a casa das palavras.

Poetas e filósofos têm aqui o seu refúgio, a sua fortaleza.

Cientistas e historiadores, estudiosos e sábios, aqui vieram para conhecer o pensamento de seus pares, que viveram em outros tempos e remotos lugares.

Aqui, vive ainda o espírito daqueles que realmente viveram.

Aqui, perdura o pensamento dos que criaram, estudaram e compreenderam.

Dos que fizeram o mundo, o cosmos que é, que fomos e poderá vir a ser.

Aqui se amou o saber, o pensamento claro, e a espantosa lucidez dos poetas cegos.

Cento e vinte peças de Sófocles, somente naquela estante.

Toda a obra erudita de Platão de Atenas, e também seus diálogos, para a compreensão dos leigos.

Quatrocentos mil anos da história do mundo, por Berossus de Babilônia, desde a Criação até o Dilúvio Universal.

Dezenove diferentes relatos dos feitos e das idéias de Jesus de Nazaré, há quatro séculos assassinado, quando ensinava uma lição de amor, agora pervertida por seus seguidores.

Mateus, Marcos, Nicodemos, Tomé, Maria Magdalena, Valentino, Pedro, João, Bartolomeu, Felipe, Lucas, Tiago, e tantos, e tantos autores.

Testemunhas, relatores, visionários, copistas ou comentadores dos fatos sucedidos.

Tantos livros que não germinaram, tantos textos declarados falsos em condenações sem discernimento, mas que agora, aqui, guardamos, em cuidados preservados.

Até quando? Até quando?

---

E a turba que lá fora clama não é a mesma que exigiu a morte do rabi?  
São seguidores daquele homem, ou de Cirilo, o Patriarca, que ambiciona o poder imperial para sua Igreja e para a sua hierarquia?  
Oh, versos de Píndaro e de Homero; oh, engenhos de Arquimedes e de Heron; oh, claros cristais de Pitágoras e de Euclides,  
Quem sobreviverá ao vendaval de fogo da ignorância e da insensatez?  
Oh, céus! Oh, céus de Hiparco e de Aristarco, quem sobreviverá?  
Oh, abismos da aniquilação e do esquecimento, quem sobreviverá?  
Oh, máscaras de Eurípedes, personas de Aristófanes, Quem sobreviverá? Quem sobreviverá?  
Quem sobreviverá?  
Quem sobreviverá?

**Hipácia** – astrônoma, matemática, física, filósofa e historiadora – foi a última diretora da Biblioteca de Alexandria, assassinada cruelmente pelos fanáticos do Patriarca Cirilo, pouco antes do incêndio que destruiu uma das maiores realizações da humanidade.

Hipácia foi relegada ao esquecimento, seu nome banido dos registros, sua obra destruída.

Cirilo foi canonizado.

**TNOT**

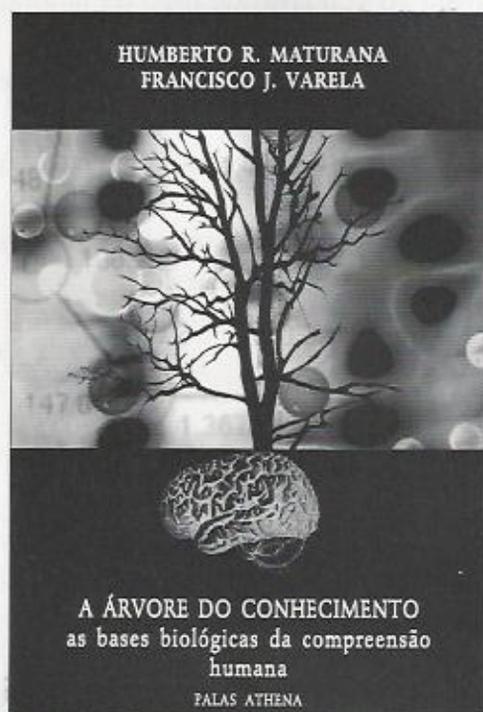
---

# A ÁRVORE DO CONHECIMENTO

as bases biológicas da compreensão humana

HUMBERTO R. MATURANA

FRANCISCO J. VARELA



tradução e revisão técnica:

Humberto Mariotti e Lia Diskin

288 páginas - 16x23cm

ISBN 85-72420-32-0

Assunto: Teoria do conhecimento

Preço: R\$ 35,00

Para adquirir esta obra:

diretamente pelo site [www.palasathena.org](http://www.palasathena.org)

ou na livraria da Associação Palas Athena

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso - São Paulo, SP

*A Árvore do Conhecimento* constitui um marco no que se refere à reflexão sobre como conhecemos o mundo. Suas idéias têm um caráter revolucionário e abrem uma perspectiva ampla e múltipla, que inclui em especial a biologia, a sociologia, a antropologia, a epistemologia e a ética.

Do modo como foi trabalhado pelos dois autores, esse entrelaçamento de disciplinas produziu resultados surpreendentes, que são apresentados por meio de uma linguagem clara e precisa. Tais características permitem que o texto seja facilmente compreensível por um público diversificado, que vai desde o leitor médio interessado nessas áreas até estudantes e acadêmicos.

Com justiça, o livro de Maturana e Varela vem sendo citado em várias das relações que destacam as obras mais importantes do século 20.

Francisco J. Varela – Ph.D. em Biologia (Harvard, 1970). Nasceu no Chile. Depois de ter trabalhado nos EUA, mudou-se para a França, onde passou a ser diretor de pesquisas do CNRS (Centro Nacional de Pesquisas Científicas) no Laboratório de Neurociências Cognitivas do Hospital Universitário da Salpêtrière, em Paris, além de professor da Escola Politécnica, também em Paris.



Humberto R. Maturana – Ph.D. em Biologia (Harvard, 1958). Nasceu no Chile. Estudou Medicina (Universidade do Chile) e depois Biologia na Inglaterra e EUA. Como biólogo, seu interesse se orienta para a compreensão do ser vivo e do funcionamento do sistema nervoso, e também para a extensão dessa compreensão ao âmbito social humano. É professor da Universidade do Chile.

Este livro já estava traduzido e seu texto preparado quando recebemos a notícia do falecimento de Francisco Varela. É com pesar que registramos essa imensa perda. Que esta tradução se incorpore às muitas homenagens que a sua memória merece e certamente receberá. A elas somamos também a nossa gratidão, pelo privilégio de ter convivido com seus ensinamentos e de poder continuar aprendendo com eles.

Este texto compõe  
o prefácio de  
Humberto Mariotti,  
no livro  
*A árvore do  
conhecimento - as  
bases biológicas  
da compreensão  
humana*  
de Humberto  
Maturana e  
Francisco J. Varela.

## **OUTRO OLHAR, OUTRA VISÃO...**

O ponto de partida desta obra é surpreendentemente simples: a vida é um processo de conhecimento; assim, se o objetivo é compreendê-la, é necessário entender como os seres vivos conhecem o mundo. Eis o que Humberto Maturana e Francisco Varela chamam de biologia da cognição.

O modo como se dá o conhecimento é um dos assuntos que há séculos instiga a curiosidade humana. Desde o Renascimento, o conhecimento em suas diversas formas tem sido visto como a representação fiel de uma realidade independente do conhecedor. Ou seja, as produções artísticas e os saberes não eram considerados construções da mente humana. Com alguns intervalos de contestação (como aconteceu logo no início do século 20, por exemplo), a idéia de que o mundo é pré-dado em relação à experiência humana é hoje predominante – e isso talvez mais por motivos filosóficos, políticos e econômicos do que propriamente por causa de descobertas científicas de laboratório.

Segundo essa teoria, nosso cérebro recebe passivamente informações vindas já prontas de fora. Num dos modelos teóricos mais conhecidos, o conhecimento é apresentado como o resultado do processamento (computação) de tais informações. Em consequência, quando se investiga o modo como ele ocorre (isto é, quando se faz ciência cognitiva), a objetividade é privilegiada e a subjetividade é descartada como algo que poderia comprometer a exatidão científica. Tal modo de pensar se chama representacionismo, e constitui o marco epistemo-

---

lógico prevalente na atualidade em nossa cultura. Sua proposta central é a de que o conhecimento é um fenômeno baseado em representações mentais que fazemos do mundo. A mente seria, então, um espelho da natureza. O mundo conteria "informações" e nossa tarefa seria extrai-las dele por meio da cognição.

Como aconteceu com muitas outras, essa posição teórica também produziu conseqüências práticas e éticas. Veio, por exemplo, reforçar a crença de que o mundo é um objeto a ser explorado pelo homem em busca de benefícios. Essa convicção constitui a base da mentalidade extrativista – e com muita freqüência predatória – dominante entre nós. A idéia de extrair recursos de um mundo-coisa, descartando em massa os subprodutos do processo, estendeu-se às pessoas, que assim passaram a ser utilizadas e, quando se revelam "inúteis", são também descartadas. Como todos sabem, a exclusão social alcança hoje em muitos países proporções espantosas, em especial no continente africano e na América Latina. Ao nos convencer de que cada um de nós é separado do mundo (e, em conseqüência, das outras pessoas), a visão representacionista em muitos casos terminou desencadeando graves distorções de comportamento, tanto em relação ao ambiente quanto no que diz respeito à alteridade.

O representacionismo é um dos fundamentos da cultura patriarcal sob a qual vive hoje boa parte do mundo, inclusive as Américas. A esse respeito, lembremos um dado histórico comentado por Hannah Arendt em relação aos bôeres, europeus em sua maioria descendentes de holandeses que iniciaram a colonização da África do Sul no século 17. O contato com os nativos sempre os chocava, diz Arendt. Para aqueles homens brancos, o que tornava os negros diferentes não era propriamente a cor da pele, mas o fato de que eles se comportavam como se fizessem parte da natureza. Não haviam, como os europeus, criado um âmbito humano separado do mundo natural.

Do ponto de vista dos bôeres, essa ligação tão íntima com o ambiente transformava os nativos em seres estranhos. Era como se eles não pertencessem à espécie humana. Por serem parte da natureza, eram vistos como mais um "recurso" a ser explorado. Por isso, era "justo" que fossem amplamente utilizados como produtores de energia mecânica no trabalho escravo, ou então simplesmente massacrados. Eis um exemplo do tipo de alteridade gerado pelo modelo mental fragmentador. A fragmentação traduz a separação sujeito-objeto, principal característica da concepção representacionista. Hoje, mais do que nunca, o

---

representacionismo pretende que continuemos convencidos de que somos separados do mundo e que ele existe independentemente de nossa experiência.

Foi exatamente para mostrar que as coisas não são tão esquemáticas assim que surgiu *A Árvore do Conhecimento*. Eis a sua tese central: vivemos no mundo e por isso fazemos parte dele; vivemos com os outros seres vivos, e portanto compartilhamos com eles o processo vital. Construímos o mundo em que vivemos durante as nossas vidas. Por sua vez, ele também nos constrói ao longo dessa viagem comum. Assim, se vivemos e nos comportamos de um modo que torna insatisfatória a nossa qualidade de vida, a responsabilidade cabe a nós.

Ao contrário das tentativas anteriores de contestar pura e simplesmente o representacionismo, as idéias de Maturana e Varela têm nuances que lhes proporcionam uma leveza e uma perspicácia que constituem a essência de sua originalidade. Para eles, o mundo não é anterior à nossa experiência. Nossa trajetória de vida nos faz construir nosso conhecimento do mundo – mas este também constrói seu próprio conhecimento a nosso respeito. Mesmo que de imediato não o percebamos, somos sempre influenciados e modificados pelo que vemos e sentimos. Quando damos um passeio pela praia, por exemplo, ao fim do trajeto estaremos diferentes do que estávamos antes. Por sua vez, a praia também nos percebe. Estará diferente depois da nossa passagem: terá registrado nossas pegadas na areia – ou terá de lidar também com o lixo com o qual porventura a tenhamos poluído.

Do mesmo modo, as águas de um rio vão abrindo o seu trajeto por entre os acidentes e as irregularidades do terreno. Mas estes também ajudam a moldar o itinerário, pois nem a correnteza nem a geografia das margens determinam isoladamente o curso fluvial: ele se estrutura de um modo interativo, o que nos revela como as coisas se determinam e se constroem umas às outras. Por serem assim, a cada momento elas nos surpreendem, revelando-nos que aquilo que pensávamos ser repetição sempre foi diferença, e o que julgávamos ser monotonia nunca deixou de ser criatividade.

Tomemos ainda outra metáfora: não são só os timoneiros que dirigem os navios. O meio ambiente também pilota as embarcações, por meio das correntes marítimas, dos ventos, dos acidentes de percurso, das tempestades e assim por diante. Dessa forma os pilotos guiam, mas também são guiados. Não há velejador experiente que não saiba disso. Portanto, pode-se

---

dizer que construímos o mundo e, ao mesmo tempo, somos construídos por ele. Como em todo esse processo entram sempre as outras pessoas e os demais seres vivos, tal construção é necessariamente compartilhada.

Para mentes condicionadas como as nossas não é nada fácil aceitar esse ponto de vista, porque ele nos obriga a sair do conforto e da passividade de receber informações vindas de um mundo já pronto e acabado – tal como um produto recém-saído de uma linha de montagem industrial e oferecido ao consumo. Pelo contrário, a idéia de que o mundo é construído por nós, num processo incessante e interativo, é um convite à participação ativa nessa construção. Mais ainda, é um convite à assunção das responsabilidades que ela implica. Não se trata, porém, de uma escolha retórica, e sim do cumprimento de determinações que derivam da nossa própria condição de viventes. Maturana e Varela mostram que a idéia de que o mundo não é pré-dado, e que o construímos ao longo de nossa interação com ele, não é apenas teórica: apóia-se em evidências concretas. Várias delas estão expostas – com a freqüente utilização de exemplos e relatos de experimentos – nas páginas deste livro.

Em suma: se a vida é um processo de conhecimento, os seres vivos constróem esse conhecimento não a partir de uma atitude passiva e sim pela interação. Aprendem vivendo e vivem aprendendo. Essa posição, como já vimos, é estranha a quase tudo o que nos chega por meio da educação formal.

**Um pouco de história** – As teorias de Maturana e Varela constituem uma concepção original e desafiadora, cujas conseqüências éticas agora começam a ser percebidas com crescente nitidez. Nos últimos anos, por exemplo, tal compreensão vem se ampliando de modo significativo e tem influenciado muitas áreas do pensamento e atividade humanos. *A Árvore do Conhecimento* tornou-se um clássico, ou melhor, recebeu o justo reconhecimento de seu classicismo inato. Por isso, é importante contar aqui as linhas gerais de sua história.

Tudo começou na década de 1960, quando Maturana, professor da Universidade do Chile, intuiu que a abordagem convencional da biologia – que basicamente estuda os seres vivos a partir de seus processos internos – podia ser fertilizada por outro modo de ver. Tal abordagem os concebe em termos de suas interações com o ambiente, no qual, é claro, estão os demais seres vivos. Em meados dos anos 60, Varela tornou-se

---

aluno de Maturana. A seguir, já também professor, continuou a trabalhar com ele na Universidade do Chile. Juntos escreveram um primeiro livro: *De Máquinas y Seres Vivos: Una Teoría de la Organización Biológica*. Tempos depois, a instauração do regime militar no país, a partir de 1973, fez com que os dois autores fossem para o exterior, onde continuaram a trabalhar separadamente.

Em 1980, de volta ao Chile, retomaram a colaboração. Por essa época, a organização dos Estados Americanos (OEA) buscava novas formas de abordar a comunicação entre as pessoas e o modo como ocorre o conhecimento. Por intermédio de Rolf Behncke, também chileno e ligado a essa instituição, Maturana e Varela começaram a expor os resultados de suas pesquisas em uma série de palestras, assistidas por pessoas de formação heterogênea. A transcrição e edição dessas apresentações resultou num livro, publicado em 1985 em edição não-comercial para a OEA. Essa obra constitui, com algumas modificações, o que é hoje *A Árvore do Conhecimento*. Desde a sua primeira edição destinada ao público – em 1987 –, ela jamais deixou de despertar atenção, gerando comentários, resenhas, análises, pesquisas, outros livros. Tudo isso compõe hoje uma ampla bibliografia, espalhada por áreas tão diversas como a biologia, a administração de empresas, a filosofia, as ciências sociais, a educação, as neurociências e a imunologia.

**Desdobramentos** – O centro da argumentação de Maturana e Varela é constituído por duas vertentes. A primeira, como vimos, sustenta que o conhecimento não se limita ao processamento de informações oriundas de um mundo anterior à experiência do observador, o qual se apropria dele para fragmentá-lo e explorá-lo. A segunda grande linha afirma que os seres vivos são autônomos, isto é, autoprodutores – capazes de produzir seus próprios componentes ao interagir com o meio: vivem no conhecimento e conhecem no viver.

A autonomia dos seres vivos é uma alternativa à posição representacionista. Por serem autônomos, eles não podem se limitar a receber passivamente informações e comandos vindos de fora. Não “funcionam” unicamente segundo instruções externas. Conclui-se, então, que se os considerarmos isoladamente eles são autônomos. Mas se os virmos em seu relacionamento com o meio, torna-se claro que dependem de recursos externos para viver. Desse modo, autonomia e dependência deixam de ser opostos inconciliáveis: uma

---

complementa a outra. Uma constrói a outra e por ela é construída, numa dinâmica circular.

Mas o que fazer para que o ser humano se veja também como parte do mundo natural? Para tanto, é preciso que ele observe a si mesmo enquanto observa o mundo. Esse passo é fundamental, pois permite compreender que entre o observador e o observado (entre o ser humano e o mundo) não há hierarquia nem separação, mas sim cooperatividade na circularidade. Na verdade, Maturana e Varela dão – não apenas com este livro, mas com o conjunto de suas respectivas obras – uma contribuição relevante à compreensão daquilo que talvez seja o maior problema epistemológico de nossa cultura: a extrema dificuldade que temos de lidar com tudo aquilo que é subjetivo e qualitativo.

Mas temos outra limitação. Para nós, não é fácil aceitar que o subjetivo e o qualitativo não se propõem a ser superiores ao objetivo e ao quantitativo; e que não pretendem descartá-los e substituí-los, mas sim manter com eles uma relação complementar. Não entendemos que todas essas instâncias são necessárias, e que é essencial que entre elas haja um relacionamento transacional, uma circularidade produtiva. Tal situação tem produzido, como foi dito, conseqüências éticas importantes. Parece incrível, mas muitas pessoas (inclusive cientistas e filósofos) imaginam que o trabalho científico deve afastar de suas preocupações a subjetividade e a dimensão qualitativa – como se a ciência não fosse um trabalho feito por seres humanos. Maturana e Varela mostram, com abundância de exemplos e constatações, que a subjetividade (tanto quanto a objetividade), e a qualidade (tanto quanto a quantidade), são na verdade indispensáveis ao conhecimento e, portanto, à ciência.

**O agora e o futuro** – Hoje, os dois autores seguem caminhos diferentes. No entanto, a diversidade de suas linhas de trabalho atuais não elimina um traço básico do ideário original: o que sustenta que os seres vivos e o mundo estão interligados, de modo que não podem ser compreendidos em separado. Outro ponto de convergência é o que diz que, se o conhecimento não é passivo – e sim construído pelo ser vivo em suas interações com o mundo –, a postura de só levar em conta o que é observado deixa de ter sentido. A transacionalidade entre o observador e aquilo que ele observa, além de mostrar que um não é separado do outro, torna indispensável a consideração da subjetividade do primeiro, isto é, a compreensão de como ele experiencia o que observa.

---

Maturana permanece no Chile, de onde sai periodicamente para cursos, conferências e seminários em vários países do mundo, inclusive o Brasil. Aprofunda seu pensamento sobre a biologia do conhecimento e a respeito de sua concepção de alteridade, que chama de biologia do amor. A transacionalidade da biologia do conhecimento com a biologia do amor compõe a base do que ele denomina de Matriz Biológica da Existência Humana.

Varela trabalha em Paris, onde desenvolve duas linhas complementares de pesquisa. A primeira consta de estudos experimentais sobre a integração neuronal durante os processos cognitivos. A outra consiste em investigações sobre a consciência humana. Tais pesquisas proporcionam contribuições à sua escola de estudos cognitivos – a ciência cognitiva enativa (teoria da atuação). Em linhas gerais, essa teoria sustenta que é preciso levar em conta não apenas a objetividade, mas também a subjetividade do observador, que havia sido preterida pelos modelos teóricos representacionistas de ciência cognitiva. Ou seja, pretende lançar uma ponte sobre o fosso que separa a ciência (o universo da objetividade) da experiência humana (o domínio da subjetividade).

Há anos que a Associação Palas Athena, por meio de sua Editora, pretende lançar uma tradução d'*A Árvore do Conhecimento*. Esse desejo sempre traduziu a certeza não apenas da importância da obra, mas também da afinidade entre as idéias dos cientistas chilenos e os princípios da Associação. Eis por que agora a concretização do projeto é para todos nós um acontecimento da maior importância, que queremos compartilhar.

*Humberto Mariotti*

Humberto Mariotti é médico, psicoterapeuta e coordenador do Grupo de Estudos de Complexidade e Pensamento Sistêmico da Associação Palas Athena, em São Paulo.  
E-mail – homariot@uol.com.br

## OBRAS DESTA EDITORA

Romano Guardini	A aceitação de si mesmo e As idades da vida
Heinrich Zimmer	A conquista psicológica do mal
Nagarjuna	A grinalda preciosa
Beto Hoisel	Anais de um simpósio imaginário
Humberto R. Maturana e Francisco J. Varela	A árvore do conhecimento - as bases biológicas do conhecimento humano
Mahatma Gandhi	A roca e o calmo pensar
Joseph Campbell	As máscaras de Deus Mitologia primitiva - vol. 1 Mitologia oriental - vol. 2
Humberto Mariotti	As paixões do ego
Mahatma Gandhi	Autobiografia - Minha vida e minhas experiências com a verdade
Maura Baiocchi	Butoh, dança veredas d'alma
Nagarjuna	Carta a um amigo
Thich Nhat Hanh	Cultivando a mente de amor
Trad.: Nissim Cohen	Dhammapada - a senda da virtude
Edgar Morin <i>et al</i>	Ética, solidariedade e complexidade
Heinrich Zimmer	Filosofias da Índia
Ignacio da Silva Telles	Forjadores espirituais da história
Shunryu Suzuki	Mente zen, mente de principiante
Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama	Minha terra e meu povo
Heinrich Zimmer	Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia
Jacob Needleman	O coração da filosofia
Sogyal Rinpoche	O livro tibetano do viver e do morrer
Joseph Campbell e Bill Moyers	O poder do mito
Denise Gimenez Ramos	Os animais e a psique - do simbolismo à consciência
<i>et al</i>	
Patrício Sciadini, OCD	San Juan de la Cruz, o poeta de Deus
Morgana Masetti	Soluções de palhaços: Transformações na realidade hospitalar
Ubiratan D'Ambrosio	Transdisciplinaridade
Olgária Matos	Vestígios - Escritos de filosofia e crítica social
Mircea Eliade	Yoga - Imortalidade e liberdade

### Publicação de ensaios:

autores diversos THOT (nºs 53 a 76)

### Co-edição - Palas Athena / EDUSP:

Henrique Murachco Diálogo dos mortos, Luciano

### Co-edição - Palas Athena / EDUC:

Hypnos nº 4	Téchne
Hypnos nº 5	A filosofia: seu tempo, seus lugares
Hypnos nº 6	Reflexões sobre "o poder" e outras questões
Hypnos nº 7	Filosofia grega e filosofia alemã: um diálogo
Cognitio nº 1	Revista do Centro de Estudos do Pragmatismo

Para aquisição de nossas obras e assinatura  
da publicação THOT, entrar em contato com

### ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso - 04003-010 - São Paulo - SP

Fone: (11) 3266.6188 Fax: (11) 287.8941

[www.palasathena.org](http://www.palasathena.org)

# EPIFANIA

De repente, o lugar estava cheio de gente repetindo o único assunto das rádios e TVs. Ninguém sabia ao certo o que estava acontecendo mas todos emitiam opiniões transfiguradas em curativos. A ferida eterna perdera outra vez a cicatriz e o sangue esquecido voltou a desafiar as civilizações.

Uma mulher apareceu. Vestia um camisolão preto e cobria a cabeça com um pano preto. Não consegui ver seus sapatos, seus olhos. Não consegui ficar em pé depois que comecei a escutá-la. O sotaque desenhou em mim a lembrança de Electra e Orestes, seu irmão matricida. A guerra faz dessas coisas.

Sentei e pedi trégua ao medo e à desorientação; jamais os imaginei generosos, mas eles me surpreenderam justamente na hora em que a mulher dizia:

*O tempo dorme no meio das pedras, no meio das nuvens.*

*Se o tempo dorme, pedras e nuvens  
não são pedras, não são nuvens.*

*Tudo é sem nome.*

*O pulmão do tempo que acorda  
inspira o dia, expira a noite.*

*O que era claro retorna oculto.*

*O que era certo retorna jogo.*

*O que era novo retorna lembrança.*

*Pedras areiam, nuvens chovem.*

*Nomes surgem.*

Ela foi embora e não teve coragem de perguntar:

*“Que nome tem isto que está acontecendo?”*

Ela voltou:

*Não se preocupe, o nome disso é História;  
ela não acabou. Não terá fim. Chegou de novo a hora  
de aceitarmos juntos – o desafio do sangue que jorra:  
dizer ao tempo que sua expiração não é em vão.*

